



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A PAZ QUE VIROU BRIGA: O POSICIONAMENTO DO
GOVERNO BRASILEIRO NA GUERRA DA UCRÂNIA PELA
ÓTICA DA FOLHA, O GLOBO E THE NEW YORK TIMES**

IGOR VIEIRA CARNEIRO

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A PAZ QUE VIROU BRIGA: O POSICIONAMENTO DO
GOVERNO BRASILEIRO NA GUERRA DA UCRÂNIA PELA
ÓTICA DA *FOLHA*, *O GLOBO* E *THE NEW YORK TIMES***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

IGOR VIEIRA CARNEIRO

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Pires

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Carneiro, Igor Vieira
A Paz que virou briga: O posicionamento do
governo brasileiro na guerra da Ucrânia pela ótica da
Folha, O Globo e The New York Times / Igor Vieira
Carneiro. -- Rio de Janeiro, 2024.
55 f.

C298p

Orientador: Paulo Roberto Pires.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2024.

1. guerra da ucrânia. 2. governo brasileiro.
3. jornal brasileiro. 4. jornal estrangeiro. 5.
reportagens. I. Pires, Paulo Roberto,
orient. II.
Título.


Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO


TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **A paz que virou briga: o posicionamento do governo brasileiro na Guerra da Ucrânia pela ótica da Folha, O Globo e The New York Times**, elaborado por **Igor Vieira Carneiro**.


Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 PAULO ROBERTO PIRES DE OLIVEIRA JUNIOR
Data: 19/12/2024 17:25:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Roberto Pires (orientador)

Documento assinado digitalmente
 LUANDA DIAS SCHRAMM
Data: 20/12/2024 07:49:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luanda Dias Schramm

Documento assinado digitalmente
 EDUARDO CHAGAS OLIVEIRA
Data: 19/12/2024 21:22:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Chagas Oliveira

Grau: 9,0

Rio de Janeiro, no dia 14/12/2024

Rio de Janeiro

2024

Ao mundo, que só me deu restos e destroços,
com os quais eu construí o meu.

CARNEIRO, Igor Vieira Carneiro. **A paz que virou briga: o posicionamento do governo brasileira na Guerra da Ucrânia pela ótica da Folha, Globo e The New York Times.** Orientador: Paulo Roberto Pires. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

O trabalho analisa as reportagens dos veículos O Globo, Folha de S. Paulo e The New York Times que abordam diferentes eventos diplomáticos durante o ano de 2023, segundo ano da Guerra da Ucrânia, quando o presidente brasileiro da época, Luiz Inácio Lula da Silva, propôs formar um Clube da Paz, constituído por países neutros no conflito, para costurar um Acordo de Paz. As convergências e divergências entre as vozes dos jornais brasileiro e o jornal estrangeiro, à luz da metodologia de Análise de Conteúdo, permite elucidar a hipótese de aderência ao discurso ocidental e descobrir se o governo é retratado neutro ou não. O resultado mostra uma questão mais complexa: enquanto O Globo invalida a relevância do próprio país e o caracteriza como pró-Rússia, os veículos mostram um discurso relativamente diferenciado, sem nenhuma tentativa, porém, de uma entrevista com o presidente ou membros do governo para explicar a proposta de paz.

Palavras-chave: Acordo de Paz; neutralidade; Ucrânia; Brasil; Rússia.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Remetente e Destinatário	6
2.1. Remetente	6
2.2. Destinatário	10
3. Apresentações dos países-personagens e problemáticas jornalísticas	14
3.1. Questões práticas das editorias de internacional e agências de notícias	14
3.2. Sobre os Estados Unidos na cobertura jornalística brasileira	15
3.3. Sobre a Ucrânia na cobertura jornalística brasileira	18
3.4. Sobre a Rússia na cobertura jornalística brasileira	22
4. Análises	24
4.1. Brasil recusa vender armas	27
4.2. Viagem de Lula à China	29
4.3. Reunião do bloco do BRICS	31
4.4. Reunião de Lula e Zelensky durante a Cúpula do G20	33
5. Considerações finais	37
6. Referências bibliográficas	42

1. Introdução

A presente monografia deveria ter sido uma monografia do passado. A eclosão da Guerra da Ucrânia foi *oportuna*, em particular para mim, ao responder a uma das primeiras dúvidas que lança uma larga sombra sobre os estudantes do primeiro semestre: “Sobre o que será meu TCC?”.

Na brasileira madrugada de 24 de fevereiro de 2022, os jornais locais anunciaram o marchar da invasão do exército russo ao país, ou “Operação militar especial”, termo utilizado pelos invasores, e a sombra de um dos primeiros questionamentos da minha graduação se dissipou, restando “apenas” a incerteza, imprecisão e obscuridade das segundas, terceiras, quartas dúvidas...

A guerra avançava e a minha graduação também. Quando, finalmente, depois de muita escuridão, consegui meu primeiro estágio, resolvi “deixar” a guerra avançar enquanto eu mesmo avançava no meu estágio, no meu curso e formação profissional. Cumpri um ano, fui para um segundo estágio e, alguma hesitação depois, decidi encarar essa que é a última linha de batalha, a fronteira final da graduação, o Trabalho de Conclusão de Curso.

Naturalmente, o tempo estendeu a guerra, desdobrou os fatos e a desinformação tornou-a complexa e traiçoeira. Um recorte se fez necessário, e a eleição de um novo presidente do Brasil foi tão *oportuna* quanto a guerra. Um novo-velho presidente; por já ter governado, o mais alto cargo do Executivo não é estranho a Luiz Inácio Lula da Silva. Os jornais e jornalistas também já o conhecem. Mas ao mesmo tempo é novo: o Brasil e o mundo mudaram.

Na Europa, eclodiu uma “guerra sem precedentes”, como o conflito foi caracterizado e amplamente noticiado. Não vamos nos ater ao apagamento do sofrimento causado por outras guerras no mundo. É certo dizer que a Guerra da Ucrânia, Invasão da Ucrânia ou Guerra Russo-Ucraniana mobilizou presidentes, líderes e sociedades.

Tal mobilização também não escapou ao presidente Lula, que, como veremos aqui viajou à China; recusou a venda de armas para Ucrânia; encontrou o líder deste país na Assembleia Geral da ONU; foi à reunião do BRICS, bloco de países cujo a Rússia faz parte; e também se mobilizou em defesa da criação de um “Clube da Paz”, que reuniria países não alinhados/ sem interesse no conflito para desenhar um Acordo de Paz entre os países beligerantes.

É vital ter em mente que, quando o governo Lula é inserido, por terceiros, como pró-Rússia ou não neutro, sua proposta de Clube da Paz é invalidada de forma tão argumentativa quanto retórica, visto que o grupo deve ser formado por países neutros em relação à guerra.

São estes eventos diplomáticos circunscritos à guerra que se iniciou durante minha graduação que capturaram minha atenção, no que diz respeito ao posicionamento do Brasil no conflito, e é sobre as declarações e ações diplomáticas do novo presidente eleito também durante minha graduação, na forma em que foram reproduzidas na mídia doméstica e estrangeira, que irei me debruçar.

Na análise, os veículos representantes da mídia doméstica são O Globo e a Folha de S. Paulo. Ambos gozam de expressividade nacional; aquele, jornal carioca assim como a nossa universidade; e o outro, do estado vizinho, integrante do tão falado “Eixo Rio-São Paulo”, e que enviou uma de suas jornalistas em um consórcio para entrevistar o próprio Volodymyr Zelensky¹.

O veículo estrangeiro será o *The New York Times*, aqui, em algumas ocasiões, abreviado como NYT, sempre traduzido por nós quando citado, com o original em inglês na nota de rodapé. Sua importância no ecossistema jornalístico mundial é tão expressiva quanto influente.

A compreensão dos atores aqui apresentados permite a justaposição de suas coberturas com a finalidade de evidenciar as divergências e convergências entre as vozes jornalísticas doméstica e estrangeira. O que torna o resultado relevante academicamente é entender como o presidente do Brasil é retratado em relação a uma guerra mobilizadora e impactante tanto no veículo americano quanto nos veículos brasileiros, e quais são as diferenças da caneta dos jornalistas estrangeiros e da caneta dos jornalistas nacionais, estes que, apesar de relativamente distante da guerra, é aquele que dispõe de maior proximidade para entender, criticar e avaliar o próprio presidente.

Como o Brasil e o governo brasileiro são representados pela mídia, Quarto Poder e formadora de opinião, em um conflito que envolve potências do hemisfério norte e outros atores pode ser entendido a partir de alguns fatores. Um deles é a recepção da ideia de que o Brasil pode ou não encabeçar um Acordo de Paz, tentativa feita por outros países, como a Turquia. O governo brasileiro é neutro na guerra e é capaz de reunir outras nações igualmente

¹ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/06/lula-quer-ser-original-mas-precisa-responder-a-questoes-antes-di-z-zelenski-a-folha.shtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

neutras com as mesmas intenções? Quais seriam elas? Quais seriam as condições do Acordo de Paz? Com a feitura do trabalho em 2024, ano seguinte ao analisado, é possível antever que a ideia do presidente Lula não foi posta em prática. O que os jornais falaram sobre isso?

Outro fator é a neutralidade do Brasil na Guerra Russo-Ucraniana. O governo brasileiro é visto pela mídia brasileira como neutro na guerra? E para a mídia estrangeira? O governo brasileiro pende para o lado russo? Ou pende para o lado ucraniano, respaldado pelos Estados Unidos da América? Como essa neutralidade pode ser comprovada? Além disso, o que está em risco para o Brasil na guerra? Seus motivos são explicados pelos jornais? O que a falta de fertilizantes que servem de insumos para o agronegócio, dos quais a Rússia é uma grande produtora, pode acarretar para a economia e para a sociedade brasileira?

Algumas hipóteses podem ser previamente levantadas, como, por exemplo, em que medida há uma convergência das vozes dos veículos brasileiros e estrangeiro, o que pode, talvez, indicar uma aderência completa da grande mídia ao discurso Ocidental, ou uma divergência em maior ou menor grau. Essa descoberta se relaciona com uma dúvida ainda maior: os veículos brasileiros exibem, aos leitores, o próprio país como um importante *player* capaz de reunir a Ucrânia, a Rússia e outros países em uma mesa de negociações visando um tratado para encerrar a guerra; ou os veículos acreditam que o Brasil não tem peso o suficiente para isso?

Nossos objetos de estudo serão as reportagens: da *Folha de S. Paulo*, do *O Globo* e do *The New York Times*. Os editoriais, deixados de fora, são objetos importantes que revelam de forma explícita a opinião do jornal; talvez, justamente por isso, não necessitem de uma análise robusta — embora, claro, não quer dizer que os editoriais não mereçam análises. Além disso, as reportagens têm um propósito muito maior de informar o leitor sobre determinado assunto, e não apenas informá-lo da opinião do jornal.

Vale entender que as reportagens, às vezes, são feitas com material e texto de agências internacionais, como *Reuters* e *Associated French Press* (AFP), o que resulta em uma padronização da abordagem e cobertura, e em outras vezes, são feitas por jornalistas diferentes, o que resulta em uma abordagem e cobertura relativamente distintas.

É necessário explicar que, dos eventos delimitados, nem sempre será possível analisar reportagem dos três jornais, pelo simples fato de que, às vezes, determinado veículo não noticiou determinado evento. Na viagem de Lula à China, por exemplo, a Folha fez uma reportagem extensa, mas que não abordou a questão da guerra, logo, sem valor como objeto de estudo para este trabalho.

Também é possível perceber que o *Times*, justamente por não ser um jornal brasileiro, ao noticiar determinados eventos, não dedicou reportagens inteiras sobre o presidente do Brasil. Dentre os exemplos estão a reportagem da cúpula do BRICS, em que fala brevemente sobre o Brasil assim como faz com a Índia, mas se detém na Rússia, ou o próprio encontro entre Lula e Zelensky, que sem muitas declarações dos líderes à imprensa, ganhou apenas uma nota em um feed que abordou questões outras. Dito isso, vamos nos debruçar em oito reportagens sobre quatro eventos.

O segundo capítulo consiste em um esforço para traçar, entender e compreender quem são os leitores dos jornais e o que esperam da imprensa, com informações de diferentes fontes, assim como entender, um pouco melhor, quem são os jornais; ou seja, remetente e destinatário. A *Folha de S. Paulo* tem o costume de disponibilizar os dados demográficos dos seus leitores do serviço impresso e do serviço digital, mas não o fazem todos os anos. Ainda assim, os dados da Folha Digital, apesar de desatualizados, constituem-se como um ponto de partida. O *The New York Times* não divulga dados detalhados e profundos de leitores, apenas alguns marcos, como a conquista de um importante número de assinantes, mas é monitorado pelo Statista, plataforma online especializada em coleta de dados. O carioca O Globo não divulga dados de leitores. O descompasso entre quais dos nossos personagens divulgam dados, quais dados são divulgados e quando foram divulgados dificulta o entendimento, tornando necessário o apoio na literatura, que permite conhecer as intenções dos leitores e suas expectativas sobre o trabalho e o fazer jornalístico do veículo.

A primeira subseção do terceiro capítulo da presente monografia vai analisar o conteúdo das reportagens a partir da metodologia de Análise de Conteúdo e também dos próprios critérios jornalísticos. Autores como Mauro Wolf (1995) e Aldo Schmitz (2011) auxiliam no entendimento do papel das fontes e dos tipos de fontes, como especialistas e personagens, e como elas são utilizadas no jornalismo. Pedro Aguiar (2008), ex-aluno da ECO, e o jornalista veterano João Batista Natali (2004) ilustram, neste trabalho, como as agências de notícias funcionam e quais as principais questões da editoria de Internacional dos veículos e das rotinas jornalísticas, que acabam por refletir no conteúdo.

Nas outras três subseções do terceiro capítulo, diferentes autores vão nos ajudar a entender como a Ucrânia, Rússia e Estados Unidos aparecem no noticiário das editorias de Internacional e também o quanto eles aparecem. A pesquisadora Maria Raquel Freire (2006) oferece contexto com o episódio da Revolução Laranja em 2005 na Ucrânia e dialoga com os relatos do autor Pedro Aguiar enquanto estagiário na agência EFE, e a pesquisadora Marina Passos Azeredo (2007) traz números comparativos sobre notícias da dissolução do parlamento

ucraniano nas páginas da Folha e do jornal italiano Corriere Della Sera em 2007, no pós-Revolução Laranja.

Já em relação à Rússia, as palavras do professor Alberto do Amaral Júnior (2019) traçam um pequeno, mas significativo histórico do período de Guerra Fria e União Soviética que se complementa com a contribuição de Natali sobre o fim do conflito na década de 90 e as mudanças na política dos Estados Unidos e do jornalismo em si. A ideia não é fazer um histórico dessas nações, mas sim informar e detalhar fatos necessários para o foco desta monografia.

Saindo da década de 1990 em direção a tempos mais atuais, a análise dos estereótipos que recaem sobre Rússia e Estados Unidos, direta e indiretamente no jornal goiano “O Popular” durante a guerra da Síria na pesquisa de Luiz Fernando Rodrigues Lemes (2017), o que auxilia o entendimento de como esses países, em lados diferentes da guerra, são retratados na mídia brasileira. O levantamento do número de ocorrências de ambos os países no caderno de Internacional do O Globo e Folha de S. Paulo em 2018 feito por Marina Fernandes e Camila Tavares (2018) apontam que as duas potências são muito mais conhecidas pelos brasileiros do que a Ucrânia, e também, que frequentemente aparecem como antagonistas.

O capítulo quatro descreve, em detalhes, a metodologia de Análise de Conteúdo que norteia a nossa pesquisa, em uma abordagem quali-quantitativa, e delimita quais os indicadores buscados em cada reportagem e cuja frequência, seja em presença ou ausência, vão auxiliar na elaboração do resultado desta pesquisa, confirmando ou não a hipótese inicial, verificando quais as convergências e divergências no discurso dos três jornais e o que se pode inferir.

O quarto capítulo tem quatro subseções, uma para cada evento diplomático onde o presidente Lula se pronunciou sobre o conflito russo-ucraniano e suas respectivas análises de acordo com a metodologia e os indicadores. Por fim, as considerações finais contam com uma tabela que organiza visualmente os dados dos indicadores e propor novos caminhos de pesquisa que possam complementar esta monografia.

2. Remetente e Destinatário

O esforço de entender o remetente e o destinatário de cada mensagem é essencial, mas será assimétrico. Os veículos analisados nesta monografia são muito mais conhecidos do que o perfil de seus leitores. Ainda assim, é interessante saber mais do perfil dos veículos, que, no caso da *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, foram fundados no início do século passado, se relacionam — as vezes beneficentemente — com a Ditadura Cívico-Militar de 1964 e, após a redemocratização, alcançaram um protagonismo político ainda maior e se consolidaram como dois dos maiores veículos impressos do país. A ampla audiência alcançada, ultrapassando os limites do eixo Rio-São Paulo e alcançando o país inteiro, fez com que, demograficamente falando, pessoas dos mais variados segmentos da sociedade leiam os jornais. A falta, no entanto, de dados demográficos atualizados e disponibilizados pelas empresas, prejudica o entendimento, mas ainda é possível saber o que os leitores esperam dos jornais, dos jornalistas e do jornalismo graças a um, graças à literatura acadêmica que analisa o jornalismo de acordo com a perspectiva da audiência, em uma inversão de raciocínio bastante interessante.

Já o *The New York Times*, fundado em 1851, é influente não só nos Estados Unidos, mas internacionalmente, liderou inovações no jornalismo e é tão respeitado quanto odiado. Dados demográficos de 2023 permitem entender o perfil do leitor, que além de ser diversificado dentro do próprio país em termos de idade e renda — enquanto há uma representação maior de progressistas —, é ainda mais diversificado por trazer leitores de diferentes países ao redor do globo. Finalmente, para visualizar o impacto *online* desses veículos, onde foram publicadas as matérias escolhidas, e também para ilustrar e comparar, será disponibilizado a quantidade de seguidores dos três jornais nas redes sociais.

2.1 Remetente

Os veículos aqui analisados fazem parte de conglomerados de mídia que operam em diferentes segmentos do jornalismo, como o impresso, rádio, televisão e online (Oliveira, 2014). Situados no eixo Rio-São Paulo, *O Globo* e *Folha de S. Paulo* são veículos tradicionais de mídia cujos nomes carregam grande peso, até mesmo pelo seu período de atividade: o carioca foi fundado em 1925, o paulista, um pouco antes, em 1921. Todos esses fatores contribuem com o alto grau de credibilidade depositada nesses periódicos.

Sobre a cobertura jornalística internacional desses veículos, um estudo das notícias publicadas nos cadernos de internacional do O Globo e Folha, feito em 2018, foi possível perceber que ambos cobrem os mesmos fatos e eventos; entretanto, a diferença de conteúdo no corpo de cada notícia em si não foi objeto desse estudo.

Percebemos que tanto a Folha de S. Paulo quanto O Globo optam por notícias com poder de elite, relevância e fatos negativos. Isso nos indica que há bastante destaque para personalidades importantes e situações de disputa de poder, com chamadas geralmente negativas. O valor relevância esteve presente na maioria das notícias por ser um dos elementos mais importantes para o jornalismo. Embora o portal O Globo tenha se mostrado bastante interessado em noticiar sobre celebridades e entretenimento, o vínculo político ainda prevaleceu em suas notícias. Além disso, destacamos aqui o fato de que, pelos portais manterem assinaturas e acompanharem praticamente as mesmas agências de notícias, havia uma semelhança nas matérias publicadas, o que justifica os temas estarem com percentuais próximos tanto na Folha de S. Paulo quanto n'O Globo. Logo, como os portais recebem conteúdo de agências internacionais de notícia, o conteúdo é o mesmo, mudando apenas a edição do texto – apesar de ambos fazerem parte de um conglomerado de mídia que possui agências de notícias (Tavares; Fernandes, 2018, p. 15)

Logo, não há uma diferença substancial entre os fatos e eventos que apenas os leitores do O Globo ou apenas os leitores da Folha são informados. Mas, pensando nos veículos como remetentes, para quem a mensagem é entregue? Ou melhor, para quem se pretende entregar a mensagem?

Nos ateremos, em particular, aos casos da Folha de S. Paulo (Folha) e de O Globo, jornais praticamente contemporâneos, surgidos em meados da década de 1920, mas que se modernizaram e se constituíram efetivamente como grandes grupos de mídia apenas na década de 1960, período da dita modernização conservadora imposta pelo regime militar. São, ademais, duas empresas que ainda exercem grande protagonismo naquilo que podemos definir como uma “grande imprensa” no país. Influência e magnitude que foram gradativamente adquiridas pela aproximação com os ideais impostos pelo regime no período militar e dos quais ambas foram, ao longo do tempo, sutilmente tentando se desvencilhar (Dias, 2019, p. 4).

O “Collorgate”, como muitas vezes é denominado, em alusão ao caso de Watergate nos EUA, é tido como um marco no processo de maturidade política da grande imprensa nacional, momento em que as mídias assumem um forte protagonismo na cena política, policiando e intervindo nos rumos da nação. Mas, se no caso dos EUA o protagonismo das investigações esteve associado mais à figura do repórter individual, no Brasil os créditos foram dados, em especial, às empresas de notícia, o que nos remete mais uma vez à característica particular dessas empresas e a seu papel de “poder moderador” da política nacional (Dias, 2019, p. 14).

Considerando o protagonismo gradativamente conquistado dos jornais, o grande

destaque e poder político, saldo de embates com figuras como presidentes do país, e o grande porte de cada um, que inclusive, ultrapassa as fronteiras da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente graças à internet, onde as matérias são disponibilizadas no site oficial por serviço de email e através das redes sociais, é possível inferir que tanto O Globo quanto a Folha de S. Paulo há muito pretenderam uma audiência ampla, tanto local quanto nacional.

Porém, mudanças estão ocorrendo. Para Dias, os dois veículos desejam manter e potencializar seu campo de atuação frente a um mundo e a um mercado em transformação, adotando, migrando o discurso de um jornalismo padrão e *catch-all* para um jornalismo politicamente mais ativo, de conteúdo ideologicamente engajado e capaz de atingir públicos específicos (Dias, 2019).

Mesmo assim, ambos os jornais continuam gozando de ampla audiência, como pode ser observado pelos números das redes sociais: O Globo conta com 3,1 milhão de seguidores no Instagram², 7,2 milhão no X/Twitter³, 5,5⁴ milhão no Facebook e 485 mil no Tik Tok⁵. Por sua vez, a Folha, respectivamente, conta com 3,7 milhões⁶, 5,3 milhão⁷, 8,8 milhão⁸, e, finalmente, 606 mil seguidores no Tik Tok⁹.

O veículo internacional escolhido, *The New York Times* dos Estados Unidos, é um conglomerado de mídia não só influente no próprio país, mas também internacionalmente. O jornalista Adam Nagourney, funcionário do próprio NYT desde 1994, define o impacto do jornal como formador de opinião e também de gostos e preferências na vida pessoal dos leitores.

Era onde os leitores iam para aprender o que deveriam pensar sobre os presidentes e prefeitos, para se educar acerca dos problemas da política externa que poderia ser assunto de debate em festas e jantares, para serem ditos que livros deveriam ler, que filmes assistir, quais peças de teatro presenciar e quais restaurantes frequentar (Nagourney, 2018, p. 10, tradução nossa).¹⁰

² Disponível em: <https://www.instagram.com/jornaloglobo/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

³ Disponível em: <https://x.com/JornalOGlobo>. Acesso em: 18 dez. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo>. Acesso em: 18 dez. 2024

⁵ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@jornaloglobo>. Acesso em: 18 dez. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/folhadespaulo/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

⁷ Disponível em: <https://x.com/folha>. Acesso em: 18 dez. 2024

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@folha>. Acesso em: 18 dez. 2024.

¹⁰ No original: “It was where its readers went to learn what they should think about their presidents and mayors, to educate themselves on the foreign policy issues that might come up for discussion at cocktail parties or dinner, to be told which books to read, movies to see, plays to attend, and restaurants to patronize” (Nagourney, 2018, p.10).

O *Times* era, e ainda é. Sua relevância, peso e história tanto no jornalismo doméstico, do seu país, os Estados Unidos, e os mesmos atributos no jornalismo internacional, assim como o lugar de destaque que ocupa nos dois âmbitos tornam a escolha desse veículo mais que justificada.

O jornal permaneceu como o lugar onde muitos dos repórteres, analistas, colunistas, redatores editoriais e críticos mais talentosos da nação iam para documentar guerras e campanhas presidenciais, idas ao espaço e fomes, Congresso e o Kremlin, restaurantes e Broadway, livros e Hollywood. Ainda era consumido todas as manhãs por um presidente que zombava o jornal como ‘o falho New York Times’, mas ansiava por seu reconhecimento e aprovação. As intrigas internas — que foram retratadas como uma história, elevada ao topo do mastro ou enviada a Londres ou a Casa Branca — continuaram como uma fonte de fascínio tanto para leitores quanto para competidores (Nagourney, 2018, p.13, tradução nossa)¹¹.

A relevância do jornal americano é evidenciada também pelas inovações tecnológicas aplicadas pelo veículo dentro do jornalismo. Um exemplo é a reportagem *The Displacement*, abordando o tema da imigração, feita em 2015, através da tecnologia de realidade aumentada (RV), distribuindo cerca de 1,3 milhões de óculos de RV para seus leitores em parceria com a empresa *Google*.

A inovação, na época, era recente, e apesar de ainda pouco explorado, o novo formato foi capaz de causar transformações na construção das narrativas e a maneira que a audiência reage e é afetada, de forma a “inovar o formato narrativo e promover um maior engajamento com o público, o que passou a ser definido por alguns autores como Jornalismo Imersivo” (Dibo, 2021, p. 10).

A exemplo do papel de protagonismo do *The New York Times* diante da tecnologia de realidade aumentada, somado à posição que o jornal ocupa na vida tanto dos leitores quanto dos políticos americanos — inclusive aqueles que se opõem ao *Times* —, é possível entender não só a relevância do veículo como seu papel de líder da indústria (Watson, 2017). A título de curiosidade e comparação, o veículo americano conta com 18,4 milhões de seguidores no

¹¹ No original: “It remained the place where many of the nation’s most talented reporters, analysts, columnists, editorial writers, and critics came to document wars and presidential campaigns, space shots and famine, Congress and the Kremlin, restaurants and Broadway, books and Hollywood. It was still consumed every morning by a president who mocked it as “the failing New York Times” but who craved its recognition and approval. Its internal intrigues—what was conveyed by the placement of a story, who was elevated to the masthead or sent to London or the White House—were still a source of fascination for readers and competitors alike” (Nagourney, 2018, p.13).

Instagram¹², 55 milhões no X/Twitter¹³, 19 milhões no Facebook¹⁴ e 1,1 milhão no Tik Tok¹⁵.

Para facilitar a visualização e encerrar o subcapítulo sobre os remetentes da mensagem com dados sobre a audiência online de cada um, confira a tabela a seguir com o número de seguidores em cada rede social dos veículos lado a lado.

Tabela 1: Número de seguidores por rede social de cada veículo

Veículos	Instagram	X/Twitter	Facebook	Tik Tok
Folha	3,7 milhões	5,3 milhões	8,9 milhões	606 mil
O Globo	3,1 milhões	7,2 milhões	5,5 milhões	485 mil
NYT	18,4 milhões	55 milhões	19 milhões	1,1 milhão

Fonte: Redes sociais da Folha de S. Paulo, O Globo e The New York Times

2.2. Destinatário

Para melhor analisar a mensagem, é preciso entender o destinatário. Os dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) veiculados na Folha de S. Paulo¹⁶ mostram que o jornal contou com 755,5 mil assinantes da versão digital em 2023, à frente do O Globo, com 347,8 mil assinaturas. Os dados indicam, inclusive, que os leitores preferem a versão digital — âmbito das reportagens analisadas nesta monografia — à impressa, que teve 42 mil assinantes em São Paulo e 52 mil no Rio, números expressivamente inferiores em relação à versão on-line. O *The New York Times*, por sua vez, anunciou¹⁷ dispor de quase 11 milhões de assinaturas em 2024. Cerca de 2 milhões destas assinaturas são de assinantes internacionais¹⁸,

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/nytimes/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

¹³ Disponível em: <https://x.com/nytimes>. Acesso em 18 dez. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/nytimes>. Acesso em: 18 dez. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@nytimes>. Acesso em: 18 dez. 2024.

¹⁶ Disponível em:

[https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/01/folha-confirma-lideranca-em-assinaturas.shtml#:~:text=Segundo%20dados%20do%20IVC%20\(Instituto,dos%20dois%20principais%20concorrentes%20nacionais](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/01/folha-confirma-lideranca-em-assinaturas.shtml#:~:text=Segundo%20dados%20do%20IVC%20(Instituto,dos%20dois%20principais%20concorrentes%20nacionais). Acesso em: 07 out. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/11/04/business/media/new-york-times-earnings.html> Acesso em: 07 out. 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://www.nytimes.com/press/the-new-york-times-passes-2m-international-digital-subscribers/>. Acesso em: 07 out. 2024.

outro indício do peso e porte do veículo americano.

Estes jornais contam com um grande número de circulação, e conseqüentemente, para um público heterogêneo. É difícil dizer, no entanto, quem são os leitores da Folha e do O Globo, assim como do Times, dado que esse tipo de informação geralmente é reservada para anunciantes. Ainda assim, alguns *insights* são possíveis. A plataforma estrangeira de serviço de dados Statista produz um relatório com informações demográficas, de estilo de vida, opiniões e hábitos de consumo, e o atualiza a cada quadrimestre, cobrando US\$ 450 por acesso.

A presente monografia não obteve acesso a tal relatório, mas é possível acessar alguns desses dados — assim como do *Pew Research Center*, não divulgados ao público — através do resumo do portal *letter.ly*¹⁹, elaborado com dados de 2023, onde estão circunscritos os acontecimentos de que tratam as reportagens aqui selecionadas. Dos leitores do *Times*, 34% caem na faixa etária de 30–49 anos, e 29% estão na faixa dos 18–29 anos. Dentre os leitores mais velhos, que formam a minoria, 17% têm idade entre 50–64 anos, enquanto 20% tem mais de 65 anos. Do total de leitores, 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino, 91% se identifica com o partido Democrata e 72% possuem diploma universitário (Maria Pengue, 2023).

De forma mais detalhada, os dados de renda média anual indicam que 38% dos leitores recebem um salário de US\$ 75,000 anuais, o que é considerado uma renda elevada nos Estados Unidos, enquanto 25% ganham entre \$30.000 e \$74.999 por ano — o que é considerado uma renda média —, e 26% têm um rendimento familiar anual inferior a \$30.000 — uma renda considerada menor. Finalmente, notou-se que 40% dos leitores se importam com eventos que acontecem fora do país, ou seja, que fazem parte da editoria de Internacional do jornal estrangeiro (*ibid*). Em suma, os dados mostram que os leitores do *Times* são majoritariamente jovens, bem-educados e progressistas, mas apenas uma pequena parcela vem de famílias mais abastadas ou de elite, enquanto a metade deles recebe uma renda média.

A Folha teve a iniciativa de divulgar publicamente o perfil do leitor, para o impresso, e perfil do usuário, para o digital, em algumas datas específicas; o mais recente, no entanto, traz dados de 2016. Há oito anos atrás, a porcentagem de homens e mulheres entre os os 3 milhões de leitores — não apenas assinantes — do serviço digital quase se igualava, com uma pequena diferença de oito por cento a mais de homens. A maioria dos leitores está entre as classes sociais A e B, com apenas 25% na classe C e nenhum nas classes D e E, e a faixa etária era bastante diversificada; somando as faixas etárias, a maioria se encontra nas idades de 22 a 44 anos.

¹⁹ Disponível em: <https://letter.ly/new-york-times-readership-statistics/>. Acesso em: 09 out. 2024

Apesar de desatualizados, esses dados são interessantes, no entanto, para derrubar o mito de que só os homens leem jornal, mostrando um expressivo acesso feminino ao serviço digital da Folha. Ainda assim, é impossível fazer inferências sobre quem são os leitores com dados desatualizados, ou, no caso do O Globo, não divulgados.

Sem os dados demográficos, é possível entender, ao menos, o que os leitores esperam da imprensa. Ao classificar e analisar 279 comentários de 250 comentários de leitores dos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, Reginato e Benetti identificaram onze diferentes finalidades da imprensa segundo a percepção dos leitores que se manifestaram na seção de comentários de cada página e nos perfis do Facebook desses veículos, de acordo com sequências de discurso (SD), mecanismo utilizado pelos pesquisadores que servem para organizar o teor e conteúdo de cada comentário de acordo com a identificação de sentidos. (Reginato, Benetti, 2017).

A principal finalidade do jornalismo para os leitores é fiscalizar o poder e fortalecer a democracia – esse sentido é reiterado em 91 sequências discursivas (SDs)¹⁰. A segunda finalidade mais reconhecida pelos leitores é informar (44 SDs). A terceira é esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade (43 SDs), e a quarta é verificar a veracidade das informações (33 SDs). Essas quatro finalidades são percebidas pelos leitores em mais de 75% dos trechos analisados. As finalidades seguintes são: selecionar o que é relevante (31 SDs); investigar (21 SDs); registrar história e construir memória (18 SDs); interpretar e analisar a realidade (13 SDs); defender o cidadão (10 SDs); fazer a mediação entre os fatos e o leitor (5 SDs); integrar e mobilizar as pessoas (1 SD) (Reginato; Benetti, 2017, p. 6).

Dentre as onze finalidades, o leitor espera que o jornalismo cumpra, principalmente, quatro delas: fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; informar; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade; verificar a veracidade das informações (*ibid*, p. 20). As finalidades “investigar” e “fazer a mediação entre os fatos e o leitor” são igualmente importantes para o conteúdo desta monografia, visto que também se aplicam ao discurso dos jornais em relação às falas do presidente do próprio país sobre um conflito estrangeiro; o posicionamento do governo nacional e sua relevância no sistema internacional diante da guerra; e também o discurso sobre o Clube da Paz e o Acordo de Paz propostos pelo chefe do executivo. Sobre mediar os fatos e explicá-los ao leitor, imprescindível em uma guerra entre agentes externos, a pesquisa revela:

O didatismo é bastante associado a essa função, e o leitor espera que o jornalismo saiba que ele não tem conhecimento amplo sobre todos os assuntos. O jornalismo deve mediar, fazendo a interpretação, para esclarecer o leitor – aí se percebe no

discurso do leitor a conexão da finalidade de interpretar e analisar a realidade com a de esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade (*ibid*, p. 18).

Também é de suma importância entender o papel do leitor. Da mesma forma que os dados sobre o *Times* mostram um leitor educado e informado, a pesquisa que tem como objeto de estudo os comentários dos leitores do Estadão, Folha e O Globo mostram um leitor tão informado quanto exigente: “Esses resultados ajudam a desconstruir uma possível imagem de que a audiência seria despreparada ou ignorante sobre a produção jornalística. Pelo contrário, o que observamos foram alguns leitores com plena consciência do que esperam do jornalismo” (*ibid*, p. 20). E também: “O que fica evidente é que o espaço dos comentários está repleto de informações que não podemos desprezar: os leitores estão, sim, discutindo as finalidades e o que eles esperam do jornalismo”.

Logo, entende-se que tanto o leitor do estrangeiro *The New York Times* quanto dos nacionais Folha de S. Paulo e O Globo são bem informados e educados, inferência possível graças aos dados do letter.ly, de forma mais explícita, e também através da extensa leitura dos comentários, de forma um pouco mais sutil. A pesquisa brasileira mostra, também, que os leitores entendem o papel do jornalismo e fazem diferenciações, de forma autônoma, sobre o que é o bom e o que é o mau jornalismo. Infere-se também que, dada a tendência demográfica dos últimos anos, há uma boa distribuição entre leitores do sexo masculino e do sexo feminino.

Finalmente, é possível inferir que, enquanto bem informado, o leitor não possui profundo conhecimento sobre todos os temas tratados nos mais diferentes cadernos de um jornal — o que seria, também, impossível —, e é por isso que espera que o jornal faça a devida mediação dos fatos, ou seja, explicando, contextualizando e interpretando os fatos de forma didática. Essa inferência é reforçada pela informação de que dois milhões, do total de onze milhões de assinantes do *Times*, são de fora dos Estados Unidos, e acessam o jornal de outro país para obter ainda mais informações.

3. Apresentações dos países-personagens e problemáticas jornalísticas

Neste capítulo estudaremos as problemáticas da editoria de internacional e as agências de notícias e conheceremos melhor os países-personagens envolvidos na guerra e por isso abordados nas falas do Presidente Lula.

3.1. Questões práticas das editorias de internacional e agências de notícias

Para João Batista Natali, as agências oferecem um cardápio “pasteurizado” nos assuntos e enfoques, o que é um problema que começa logo na fonte. Portanto, não há reportagens destinadas ao público senegalês, tcheco ou brasileiro, por exemplo. “É por isso inevitável que as abordagens caiam em uma sistemática mesmice. Pensa-se muito pouco no ‘outro lado’ da informação”(Natali, 2004, p.48). Este “empobrecimento” também acontece na outra ponta, com a escassez de correspondentes e a falta de investimento na editoria de Inter, no diagnóstico publicado em 2004.

Há coisa de trinta anos, eram os grandes jornais e revistas do eixo Rio-São Paulo que mais investiam no noticiário internacional. Não há mais, entretanto, a mesma motivação que os encoraje à formação de equipes numerosas de correspondentes, o jeito mais prestigioso e mais caro de operar com meios próprios nessa forma de cobertura. Isso aconteceu por uma série de razões (*ibid.* p. 49).

A prática jornalística e suas questões organizacionais interferem portanto na qualidade das matérias, empobrecendo-as. Enquanto estagiário da EFE, agência de notícias fundada em 1939 com principal cobertura em espanhol e que estabeleceu serviço em português com sede no Rio de Janeiro, Pedro Aguiar (2008) fez observações que detalham as problemáticas que envolvem uma agência.

Eu pude perceber que, a despeito das orientações editoriais de cada jornal, o próprio material da agência já vinha imbuído de uma ideologia muitas vezes alienígena – não por acaso – ao contexto sociocultural brasileiro. Materializada em discurso, esta ideologia era mantida e reproduzida nas páginas das editorias de Inter, chegando aos leitores como fiel cobertura jornalística dos fatos (Aguiar, 2008, p. 95).

O período na EFE, em 2004, do jornalista formado na Escola de Comunicação da UFRJ coincidiu com protestos na Ucrânia, país que obteve a independência da União Soviética em 1991. O país do Leste Europeu estava passando pela “Revolução Laranja”

De forma simplificada, a crise acabou por ser equacionada como uma disputa entre uma Ucrânia voltada para o Ocidente, liderada por Viktor Yushchenko (empossado a 23 de Janeiro de 2005) e uma Ucrânia oriental a olhar na direcção contrária, sob Viktor Yanukovych (Freire, 2006, p. 6).

O relato do período de redacção na agência por Pedro Aguiar mostra, então, uma cobertura jornalística bastante *míope*, o que se torna ainda mais prejudicial para os leitores ao levar em consideração o quão pouco países como a Ucrânia aparecem nos jornais e a pouca informação disponível para a sociedade brasileira sobre eles.

Os opositores levaram à anulação dos resultados eleitorais, favoráveis aos governistas, e à realização de novo pleito, desta vez vencido pelos adversários. Mais uma vez, as entrevistas citadas pelos correspondentes das agências incluíam apenas partidários da oposição local e pessoas nas ruas, sempre antigovernistas, e a contextualização, embora maior, continuava abordando apenas um lado da questão, justificando os protestos e tratando-os como inevitavelmente vitoriosos (Aguiar, 2008).

As relações entre ucranianos e brasileiros são episódicas, e a nação europeia não ocupa lugar no imaginário da sociedade brasileira, em forte contraste com a Rússia e os Estados Unidos. É possível dizer que a Ucrânia ganhou visibilidade substancial no Brasil após a guerra.

É vital mostrar que a unilateralidade da cobertura vai muito além da lógica de uma ideologia grosseira, mas também é reforçada pelas próprias questões jornalísticas. Após exemplificá-las, partimos para o entendimento de como nossos países-personagens — Estados Unidos, Rússia e Ucrânia — são/foram retratados na mídia brasileira.

3.2. Sobre os Estados Unidos na cobertura jornalística brasileira

Natali considera que houve uma grande mudança, tanto no mundo, quanto no próprio jornalismo — como não poderia deixar de ser — após o período da Guerra Fria. O fim da

polarização entre Estados Unidos e a antiga União Soviética levou o noticiário a lidar com o país americano como única superpotência. (Natali, 2004, p. 52)

Houve uma mudança de posição dos jornalistas em relação à forma de cobrir e pensar os Estados Unidos. É possível dizer que, por um lado, a “Guerra ao Terror” do governo Bush foi um evento significativo para alterar a percepção sobre os Estados Unidos, que ao inaugurar a “guerra preventiva”, isto é, invadir o Iraque e o Afeganistão não porque esses países atacaram seu território, mas sim porque “poderiam” atacar, é não só um crime em relação ao direito internacional como algo difícil de digerir pela opinião pública (ibid, p. 53).

Por outro lado, tanto a editoria de Internacional quanto os jornalistas devem entender que os EUA não eram “... a única superpotência como a suposta bandida dentro de um mundo habitado por diferentes mocinhos”, e sim que “... os Estados Unidos não são nem o mal nem o bem. O jornalista que falhar em ter essa visão deixará o leitor irritado” (ibid, p. 54).

O volume, quantidade, qualidade ou frequência das trocas comerciais e culturais dos Estados Unidos com o Brasil, assim como sua importância, não serão vistos nesta monografia, visto que as relações entre os dois países já foram amplamente noticiadas e pesquisadas.

Ainda assim, é válido trazer alguns exemplos da extensão da relação entre os dois países. De todos os países que figuram na cobertura do Jornal Nacional, telejornal de maior audiência do país (Rufino Leal, 2015, p. 7), os Estados Unidos é o que aparece de forma mais frequente: das 105 notícias da editoria de Internacional veiculadas em um período de trinta dias entre março e junho de 2015, 34 foram sobre o país em questão, 23 sobre os países que compõem a Europa e 11 sobre os países da América Latina, onde o Brasil está inserido. (Rufino Leal, 2015, p. 10)

Os resultados quantitativos ilustram o perfil da cobertura internacional do telejornal mais assistido pelos brasileiros. Esta cobertura se caracteriza por privilegiar os Estados Unidos e alguns países da Europa, proporcionando uma super-representação destes em desfavor de uma representação noticiosa da região sul americana, em que está inserido o Brasil. O telejornal faz uma aproximação da população brasileira em relação aos EUA e à Europa enquanto que a distância dos vizinhos latinos... (ibid, 2015, p. 2).

Mesmo a super-representação não é de um continente inteiro: os países europeus mais citados se restringiram à Itália, Inglaterra, França e Grécia; essa informação também reforça a sub-representação da Ucrânia e da Rússia. Esta problemática também se relaciona diretamente com as questões trazidas pela ampla utilização de agências de notícias e baixa utilização de correspondentes: o Jornal Nacional, assim como outros telejornais brasileiros e estrangeiros, é

muito dependente das imagens e pautas de grandes empresas de notícias internacionais como a Reuters Television e a APTN (Associated Press Television News). Os correspondentes, além de poucos, não estão distribuídos em variadas regiões do planeta:

Em relação à presença das redes de televisão brasileira no exterior, o número de correspondentes tem crescido consideravelmente nos últimos anos, mas ainda há uma concentração nos países mais destacados economicamente, como Estados Unidos, Japão e Inglaterra. A Rede Globo conta com correspondentes em Buenos Aires (América Latina), Washington e Nova Iorque (Estados Unidos), Tóquio (Ásia), Londres, Paris, Roma e Lisboa (Europa) e em Jerusalém (Oriente Médio). Estes escritórios produzem para todos os telejornais da emissora, inclusive para o JN (Rufino Leal, 2015, p. 8).

Fica difícil, então, observar, reportar e traduzir as realidades e culturas dos mais diversos países do globo, enquanto o leitor e a população se acostumam a pensar, lembrar e se aproximar apenas do mesmo grupo de países.

Dois estudos, realizados com 16 anos de distância — um em 2002, outro em 2018 —, mostram que os Estados Unidos ocupa uma posição privilegiada nos principais veículos de mídia brasileiros, como O Globo, Folha de S. Paulo, e também O Estado de S. Paulo. O estudo de 2002 englobou oitenta edições do jornal O Globo publicadas entre 1º de janeiro de 2001 e 11 de setembro de 2001 (Gomes, 2002, p. 24); apesar do carioca ter sido o único analisado neste estudo, sabemos que os dois grandes veículos de mídia do eixo Rio-São Paulo apresentam coberturas temáticas muito semelhantes (Tavares; Fernandes, 2018).

Para começar, os 24,68% do espaço do jornal dedicado ao país, ou seja, um quarto da seção, é maior do que os espaços dedicados ao restante da América do Norte, à América Central, África, países árabes, Rússia, Europa Oriental, Japão, China, Índia e todo o restante da Ásia... juntos (Gomes, 2002, p. 46).

Percebe-se, de uma vez, não só o tamanho do espaço ocupado pelo gigante norte-americano aos leitores brasileiros, mas também que ele ultrapassa, e muito, o espaço da Rússia, país diretamente envolvido na Invasão da Ucrânia e um dos personagens desta monografia.

Mas não para por aí: “Podemos verificar também que, além de um quarto do espaço do jornal serem dedicados ao país, outros 18,9% do restante do espaço do jornal fazem referência direta a ele” (ibid, p. 47). Isso se explica pela posição de destaque dos EUA no cenário internacional. O que não se explica é o destaque dado a situações isoladas envolvendo

cidadãos americanos mundo afora, assim como questões locais e corriqueiras envolvendo cidades do país.

Lendo-se as edições estudadas ficar-se-á 42 informado de que um americano foi morto por guerrilheiros no Equador (02\02), uma americana vai a julgamento no Peru (20\03), outra foi morta por assaltantes no México (13\02), um outro foi libertado nas Filipinas (13\04), um milionário aventureiro americano pousa de balão no Brasil (20\08), jornalista de rede de TV americana sofre atentado na Colômbia (16\02), crianças americanas são feridas em Israel (28\08), americanos são julgados no Afeganistão... Além disso, somos informados também que agora é obrigatório o uso de capacete para se andar de patinete em Nova York (05/02), que o imposto de calefação foi suspenso na cidade (12/02), que lá também aumentou o número de restaurantes especializados em carne vermelha (11/03), ou ainda que a prefeitura da cidade contratou novos professores (12/3) (Gomes, 2002, p. 42-43).

Em 16 anos, é possível dizer que os EUA não são mais o país recordista em notícias do caderno internacional, mas ainda ocupa um lugar de destaque: de maio a julho de 2018, tanto na Folha quanto no O Globo, mais de 63% das notícias tiveram relação com os Estados Unidos (Tavares; Fernandes, 2018).

Com os dados do Jornal Nacional, O Globo — ambos da Rede Globo — e da Folha de S. Paulo em mente, assim como a dependência de jornais brasileiros por agências de notícias estrangeiras e a quantidade cada vez menor de jornalistas correspondentes, assim como sua concentração em determinados lugares do globo, entende-se que os Estados Unidos são um país de proeminência e até mesmo super-exposição no noticiário e que, por isso, os leitores brasileiros sabem mais sobre este país do que sobre outros, como Síria, Angola e até mesmo Rússia e Ucrânia.

3.3. Sobre a Ucrânia na cobertura jornalística brasileira

Em relação aos países envolvidos, a Ucrânia é definitivamente aquele que goza de menor espaço no noticiário brasileiro assim como nos pensamentos do cidadão brasileiro. A Ucrânia, uma nação distante geográfica, cultural e linguisticamente do Brasil passou pela Revolução Laranja em 2004, que consistiu em protestos contra alegações de corrupção e fraude nas eleições daquele ano; enfrentou a convulsão política e um terceiro turno para presidente não previsto na constituição em 2010 (Freire, 2006); e por fim, sofreu a Anexação da Criméia em 2014. A Ucrânia é, em relação aos países envolvidos, aquele que goza de

menor espaço no noticiário brasileiro e, logo, mais desconhecido.

Quando Volodymyr Zelensky, atual presidente envolvido nos esforços de guerra, passou pela cerimônia de posse em maio de 2019 e dissolveu o parlamento como uma das primeiras medidas, a Folha deu uma matéria de agência, “Novo presidente ucraniano dissolve Parlamento e antecipa eleições: Pleito, antes marcado para outubro, deve ocorrer em julho; Volodimir Zelenski tomou posse nesta segunda”, com quase nenhuma contextualização e que não ganhou espaço na edição impressa.

A relação entre Kiev e Moscou foi um dos principais temas na eleição presidencial, e Zelenski disse em seu discurso de posse que sua prioridade é interromper o conflito no leste do país. "Nossa primeira tarefa é conseguir um cessar-fogo em Donbass", disse, usando o nome pelo qual a região é conhecida. Desde 2014, o local vive uma guerra civil que já deixou mais de 13 mil mortos e que opõe grupos separatistas pró-Rússia e forças de segurança ucranianas. A disputa começou após uma onda de protestos nas ruas derrubar o governo alinhado com Moscou e impulsionar a vitória de Porochenko, com um discurso pró-Occidente. Em represália, a Rússia passou a fomentar os separatistas e anexou o até então território ucraniano da Crimeia, de maioria russa. Durante a campanha, Zelenski prometeu manter o posicionamento a favor do Ocidente, e há dúvidas de como será sua relação com Putin. O novo mandatário nunca ocupou cargos públicos e ficou conhecido por interpretar na TV um professor de história que se torna presidente graças a um discurso contra a corrupção —o programa tem o mesmo nome de seu partido, Servo do Povo. No discurso nesta segunda, Zelenski fez referência a seu passado como ator ao assumir o cargo. "Durante toda a minha vida, fiz de tudo para fazer os ucranianos sorrirem. Nos próximos cinco anos, farei de tudo para que os ucranianos não chorem (AFP; Folha; Reuters, 2019)²⁰.

Em 1371 caracteres, a matéria fala de uma única promessa de governo, sem explicar, por exemplo, qual o posicionamento político-ideológico do partido de Zelensky, que é descrito apenas como sendo um ex-ator, ou até mesmo como funciona o sistema parlamentar do país do leste europeu. Ao menos, na matéria do hiperlink, há uma contextualização da anexação da Crimeia.

Ainda assim, o texto sobre a dissolução do parlamento pelo novo presidente carece de qualquer aproximação com a realidade brasileira. Este distanciamento é explicado pelo jornalista Pedro Aguiar ao dizer que “o próprio material da agência já vinha imbuído de uma ideologia muitas vezes alienígena – não por acaso – ao contexto sociocultural brasileiro”(Aguiar, p. 95, 2008). Vale lembrar que o leitor espera que o jornalista faça a mediação entre os fatos (Reginato; Benetti, 2017), o que não ocorre nessa matéria específica e

²⁰ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/novo-presidente-ucraniano-dissolve-parlamento-e-antecipa-eleicoes.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2024.

nas matérias de agência no geral.

Na editoria do jornal carioca, a notícia sobre o mesmo fato é: “Presidente '*outsider*' da Ucrânia dissolve Parlamento em busca de apoio para governar Ao tomar posse, comediante diz que cessar-fogo com separatistas é prioridade”. Também é uma matéria de agência que não ganha espaço no impresso, como pode ser visto no Anexo II. Apesar disso, a reportagem traz mais detalhes, informando que Zelensky é “Um *outsider* cuja ascensão ao poder parecia improvável há poucos meses” aproximando-o, mesmo que de forma sutil, ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que em 2019, ano de publicação da matéria, era presidente do Brasil, também “apoiado sobre as promessas de ‘romper com o sistema’ dominado pelo *establishment*”. (O Globo; outras agências, 2019)²¹.

Seguindo essa linha, é possível notar que parte da matéria é entendida em contraponto à Rússia, pelos movimentos pendulares pró-ocidente e pró-Rússia, de maior peso no noticiário brasileiro, até mesmo pelo longo período de União Soviética e Guerra Fria. Logo, destaca-se que tanto na matéria da Folha de S. Paulo e do O Globo sobre o mesmo assunto, só é possível definir a Ucrânia como um oposto dialético da Rússia.

A seguir, utilizaremos a Anexação da Crimeia em 2014 como exemplo para demonstrar a distância em relação ao Brasil, tendo em mente que foi um evento crucial na relação entre Rússia, anexadora, e Ucrânia, anexada, e que reverbera na guerra de hoje.

Na matéria “Russos tomam terminal de balsas na Crimeia; aviões invadem espaço aéreo ucraniano: Tropas pró-Rússia tomaram nesta segunda-feira o controle de um terminal de balsas que liga a Ucrânia com a Rússia em Kerch no leste da Crimeia intensificando os temores de que Moscou vai enviar ainda mais tropas para a região estratégica do mar Negro.” (Agências de notícias, 2014)²² a Folha relatou ações militares e em outra, intitulada “Entenda por que Ucrânia e Rússia brigam pelo controle da Crimeia: O território da Crimeia está no centro da atual disputa entre a Ucrânia e a Rússia que ameaça a segurança mundial” (Folha, 2014), detalhou um panorama totalmente generalista. Ambas as matérias são de agência.

Da segunda reportagem, destaca-se o trecho de contextualização histórica

No século 18, a Crimeia foi absorvida pelo império russo, e a base da Frota do Mar Negro foi fundada. Entre 1853 e 1856, mais de 500 mil pessoas morreram na Guerra

²¹ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/presidente-outsider-da-ucrania-dissolve-parlamento-em-busca-de-apoio-para-governar-23678560>. Acesso em: 12 mai. 2024

²² Disponível

em: <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1420420-governo-russo-acusa-governo-da-ucrania-de-atacar-minorias.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2024;

da Crimeia entre a Rússia e o Império Otomano, o último apoiado pelo Reino Unido e pela França. O conflito resultou em uma virada no quadro diplomático da Europa, e serviu como precursor da Primeira Guerra. Em 1921, a península, então povoada principalmente por tártaros adeptos do islamismo, se tornou parte da União Soviética. Os tártaros foram deportados em massa pelo líder soviético Joseph Stalin, no final da Segunda Guerra, por supostamente colaborarem com os nazistas. Em 1954, a Crimeia foi transferida à Ucrânia, outra república soviética, por decisão de Nikita Khrushchev, sucessor de Stalin e ucraniano (Folha, 2014)²³.

Nota-se que a Ucrânia só é citada no final, e restam dúvidas sobre o porquê da Crimeia ser importante para os países citados, inclusive a própria Ucrânia, e o que significa o status de “república autônoma” da Crimeia, citada na reportagem, e porque a região ganhou esse status.

O Globo fez uma reportagem sobre o referendo realizado na região em disputa: “Com 97% da Crimeia a favor da união com a Rússia, EUA e Europa estudam punição ao Kremlin: Para os EUA e a UE, o referendo e a ocupação da península pela Rússia são uma violação do Memorando de Budapeste” (Deborah Berlinck, 2014)²⁴. A matéria resume de forma breve a importância da Crimeia: “Esta república autônoma que a Ucrânia recebeu de presente há 60 anos do líder soviético Nikita Krushev tem importância estratégica para Moscou: abriga uma base militar e garante saída para o Mar Negro” (ibid).

A reportagem traz mais informações, provavelmente por ter sido feita por uma correspondente do O Globo na Europa. Ainda assim, o periódico carioca se detém quase inteiramente sobre como os Estados Unidos, a Alemanha e a União Europeia reagiram à anexação da região por Vladimir Putin e não entrevista nenhum cidadão ucraniano para saber como a população enxerga o jogo geopolítico em seu próprio território. Segundo Wolf, “As fontes são um factor determinante para a qualidade da informação produzida pelos mass media” (Wolf, 1995, p. 222), e, por isso, a entrevista de um cidadão como testemunha configura-se como um salto qualitativa, e daria maior respaldo à matéria do O Globo, como melhor explica Schmitz:

Conforme Charaudeau (2009: 194-195) a fonte individual aparece notadamente como vítima, cidadão reivindicador ou testemunha. A figura da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofredor, injustiçado ou pela desgraça do destino, visto que esse enfoque geralmente descamba para o

²³ Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1422015-entenda-porque-ucrania-e-russia-brigam-pelo-controle-da-crimea.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2024

²⁴ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/com-97-da-crimea-favor-da-uniao-com-russia-eua-europa-estudam-punicao-ao-kremlin-11894716>. Acesso em: 12 mai. 2024.

sensacionalismo. Já o cidadão busca visibilidade para reivindicar os seus direitos. Além de testemunha de algum fato, a fonte individual também é utilizada para contextualizar uma informação na vida cotidiana (Schmitz *apud* Charaudeau, 2011, p. 10-11).

Pode-se perceber, no entanto, que os textos publicados na época tinham um foco muito maior no lado russo, e geralmente colocado em contraste com os Estados Unidos, como sujeitos da ação. A Ucrânia não tem o maior espaço em notícias e reportagens sobre o seu próprio país. Ela também se espreme entre sujeitos como o Ocidente, a União Europeia e a China.

Visando oferecer mais possibilidades de exemplificação, é interessante o trabalho de Marina Passos de Azeredo, que fez uma amostragem dos assuntos da editoria de Mundo da Folha e do italiano *Corriere Della Sera* durante o período de 1º a 15 de abril de 2007.

Entendendo que os dois periódicos tem praticamente a mesma quantidade de páginas por edição e a mesma quantidade dedicada a editoria, a autora observou que o brasileiro dedicou apenas três matérias sobre a dissolução do parlamento pelo então presidente Viktor Yushchenko enquanto o europeu dedicou cinco, conforme o Anexo 3. (Azeredo, 2007).

Todos esses eventos e estudos são anteriores ao crucial ano de 2022. A Ucrânia se tornou uma figura muito mais presente no noticiário internacional brasileiro depois da Invasão da Rússia — e ainda assim, não por muito tempo. A partir de 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia invade a Ucrânia, até agosto de 2023, a CNN do Brasil, dos Estados Unidos e o G1, portal de notícias da TV Globo publicaram 150 matérias sobre o conflito, de informações sobre o campo de batalha até o posicionamento de líderes de países que não a Rússia e Ucrânia (Assis *et al*, 2024).

Logo no início e durante os primeiros seis meses de guerra, detectamos uma profusão de notícias que ocupavam boa parte do dia. Como característica peculiar da plataforma digital, as notícias passavam por atualizações a cada minuto direcionando o internauta para outros links como efeito de disciplinarização do olhar.... Com o avanço da guerra, que já se estende por mais de dois anos, outros assuntos tiveram prioridade. De uma profusão de informações que eram atualizadas em tempo real, dificultando o acompanhamento, passamos a conviver com uma escassez de notícias...(Assis *et al*, p. 35, 2024).

Logo, a partir da plethora de informações, reportagens e declarações em jornais produzidas sobre a Guerra da Ucrânia, principalmente durante os primeiros seis meses, quando a atenção do público era maior, a Ucrânia teve maior presença no noticiário tanto brasileiro quanto internacional, ganhando o título de “guerra sem precedentes” por ser em território europeu. A nação em guerra é muito mais conhecida, pelo público brasileiro,

carregando o estigma de nação invadida, redimida através do sofrimento, e não pela sua cultura, povo e até mesmo história, que se relaciona com a história russa.

Fica, então, compreendido que a Ucrânia é um país que pouco figura no jornalismo brasileiro, tem poucas relações com o Brasil e, entendendo a imprensa como uma das principais fontes de informação dos cidadãos, é um personagem pouco conhecido pela sociedade brasileira. No entanto, os brasileiros tiveram maior contato e conhecimento sobre o país através da guerra, mas o fluxo de reportagens e informações tanto sobre o conflito quanto sobre a nação do leste europeu se reduziu profundamente após os primeiros seis meses da Invasão da Rússia.

3.4. Sobre a Rússia na cobertura jornalística brasileira

Na cobertura jornalística brasileira, a Rússia difere da Ucrânia e pende para o lado dos Estados Unidos em relação ao volume e extensão de notícias na mídia; mas se afasta completamente dos americanos no espectro político por conta de suas posições opostas na Guerra Fria: soviéticos e americanos disputaram a hegemonia do poder no mundo, de 1945 até 1989 (Amaral, 2019).

Apesar da dissolução da União Soviética em 1991, o país liderado por Vladimir Putin ainda é visto sob uma luz semelhante à de outrora, e as relações dos americanos com os agora russos também se deterioraram (ibid).

Em levantamento dos países que mais figuram nas matérias de editoria Internacional do O Globo e Folha de S. Paulo em 2018, os EUA apareceram 54 vezes neste e 60 naquele; a Rússia, 22 e 16, respectivamente. A informação principal é que frequentemente as duas nações eram citadas em conflitos entre si. (Tavares; Fernandes, 2018, p. 14).

Em outro artigo, Leme (2017) analisou os estereótipos construídos sobre a Rússia e os Estados Unidos nas matérias do jornal goiano “O Popular” em relação à Guerra da Síria de 2011. No estudo, é possível observar que os dois estados são colocados em posições antagônicas do confronto. Apesar da publicação ser de Góias, fora do Eixo Rio-São Paulo aqui estudado, faz parte dos ecossistema de veículos brasileiros e pode nos ajudar a estabelecer um importante elo:

A pesquisa sobre o gênero informativo relacionado à Rússia foi composta por 54 fragmentos de análise que também abordavam momentos de tensão entre Moscou e Washington, principalmente relacionado à questão síria, como na Tabela abaixo. Tanto em artigos quanto na parte editorial, mostra-se uma Rússia aliada de países que, historicamente, defenderam posições contrárias aos Estados Unidos,

como o Irã e a Coreia do Norte. Portanto, as categorias “Aliado – Síria/Irã” e “Rivalidade” destacam um posicionamento de Moscou contrária às ações de Washington. (Leme, 2017, p.23).

Fora dos jornais, mas ainda na mídia, é relevante entender o papel desempenhado por personagens de nacionalidade russa as características atribuídas a eles, de forma estereotipada. No cinema, “a indústria cinematográfica norte-americana, com seus grandes estúdios e orçamentos bilionários, exerce um enorme poder na produção e difusão de imagens e narrativas” e “o impacto da indústria audiovisual excede as fronteiras dos Estados Unidos, alcançando audiências ao redor do mundo”(Franco, 2024, p. 32).

Obviamente, tais imagens e narrativas também chegam ao público brasileiro, que aprendem sobre os cidadãos russos — e muitos outros — sem, muitas vezes, nunca tê-los visto fora de uma tela.

Embora tenha havido diversos personagens russos e soviéticos em filmes mudos, a introdução do som no cinema facilitou aos cineastas a caracterização de personagens falantes de russo, impondo-lhes um forte sotaque ou utilizando a língua russa como em *Moscou contra 007* e os personagens russos de *Stranger Things*. Segundo Fyne (1985, p. 194), isso permitiu que o público percebesse esses personagens como diabólicos e hostis (Fyne, 1985, *apud* Franco, 2024, p. 85).

Outras características atribuídas aos russos são: “frio”, “calculista”, “violento” e “traíçoeiro”, e a Rússia como um país envolvido em crimes e guerras (*ibid*). Os estereótipos elaborados pelos inimigos da então ex-União Soviética e agora Rússia, reforçado por obras fictícias, contextualiza, muitas vezes, a retratação do Brasil como “pró-Rússia” pelos veículos jornalísticos tem uma carga que vai além de posicionar o país em um dos lados da guerra ou coleguismo do Presidente Lula e do Presidente Putin, mas também se relaciona com um julgamento moral sobre o governo e a ala política representada por ele, a esquerda.

Tanto a Rússia, a agressora, como os Estados Unidos, líder da OTAN e um dos representantes do “lado” do Ocidente estiveram, e estão, envolvidos em guerra, como os conflitos preventivos da política de Guerra ao Terror. Longe de um raso *whataboutism*, o que se deve elucidar é porque os periódicos ocultam o passado bélico de um e destacam o do outro, ao mesmo tempo que desprezam a iniciativa de um Acordo de Paz pelo presidente Lula para acabar com a mais nova guerra envolvendo as duas potências, em uma realidade internacional onde não há mocinhos

Como Natali sabiamente disse, é preciso que os jornalistas entendam que os EUA não estão além do bem e do mal, o que não é diferente do caso da Rússia, agora diretamente

envolvida em uma guerra. Deixando o julgamento para outras instâncias jurídicas, morais ou até mesmo divinas, este capítulo visa estabelecer como a antiga União Soviética, mesmo após a queda do regime comunista, é posicionada na cobertura jornalística brasileira

4. Análises

Para melhor analisar as reportagens de cada jornal produzidas para cada evento, é preciso entender a Análise de Conteúdo, metodologia aqui adotada. A Análise de Conteúdo é uma metodologia que pode ser aplicada tanto de forma qualitativa quanto de forma quantitativa. (Triviño, 1987, *apud* Cardoso, 2021, p. 3)

Utilizaremos, então, a abordagem quali-quantitativa, com indicadores que estabelecem a frequência ou ausência de aparição de certos elementos da mensagem aliados a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências (Bardin, 1977, *apud* Cardoso, 2021, p.3). Os indicadores serão determinados pelos autores da presente monografia e ajudarão a entender os textos, classificar as informações e inferir conhecimento.

Ainda visando explicar e validar a escolha da metodologia em questão, é necessário afirmar que “[...] constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias, defende Moraes (Moraes, 1999, *apud* Cardoso, 2021, p. 2)”, mas também é necessário afirmar que o método é “uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra, objetiva e completa”. Essa interpretação pessoal também pode, por si, ser interpretada de outra forma: como uma ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento (Franco, 2008, p. 10).

São três os indicadores: “Governo Lula é neutro ou pró-Rússia?”, “Há presença de aspas de especialistas?” e “A necessidade de fertilizantes para a economia nacional é explicada ao leitor?”. O primeiro nos permite entender como o governo é retratado, de suma importância para delimitar as convergências e divergências dos periódicos e também porque o chamado Clube da Paz proposto por Lula, que figura nas reportagens, parte do pressuposto de reunir nações não alinhadas e sem interesse no conflito para mediar o tratado de paz. Vale, aqui, lembrar os princípios da Política Externa Brasileira (PEB) segundo a Constituição:

Artigo 4º — A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: I — independência nacional; II — prevalência dos direitos humanos; III — autodeterminação dos povos; IV — não-intervenção; V — igualdade entre os Estados; VI — defesa da paz; VII — solução pacífica dos conflitos; VIII — repúdio ao terrorismo e ao racismo; IX — cooperação entre os povos para o progresso da humanidade; X — concessão de asilo político. Parágrafo único. A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações (Brasil, 1988, Art. 4).

Tendo em vista o propósito deste trabalho, destacam-se os incisos “I - independência nacional”, “VI - defesa da paz” e “VII - solução pacífica dos conflitos”. Estes são princípios norteadores do Brasil há muito, conforme analisa Paulo Roberto de Almeida:

Se a diplomacia brasileira possui, de fato, um pensamento, quais seriam, historicamente, as ideias que sustentam as suas ações? Sendo bastante sintético, podem ser alinhados as seguintes: uma adesão inquestionável ao direito internacional, o não recurso à força para a resolução de disputas entre Estados, o respeito a não-ingerência e à não intervenção nos assuntos internos de outros países, a observância dos direitos humanos e de um conjunto de valores próprios ao nosso patrimônio civilizatório, são os elementos constitutivos da ação diplomática brasileira, ainda que não se possa dizer que eles sejam exclusivamente ou essencialmente brasileiros, na forma ou mesmo no conteúdo (De Almeida, 2016, p. 1306-1307).

Ter esses princípios em mente é mister para a leitura do trabalho, mas julgar se o Brasil está agindo de forma neutra ou enviesada não é o foco: esta monografia busca somente determinar convergências e divergências entre o discurso das coberturas do The New York Times, O Globo e Folha de S. Paulo.

O segundo indicador contabiliza a presença de especialistas, um tipo de fonte que “Têm a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos” (Schmitz, 2011, p. 11) e são essenciais ao fazer jornalístico, visto que o profissional por trás do texto não goza destas prerrogativas, mas sim de outras:

O jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de *informar, procurar a verdade*, contar o que aconteceu, *doar a quem doar...* Com o novo paradigma das notícias como informação, o papel do jornalista é definido como o do observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais (Traquina, 2005, p. 146-147).

O jornalista possui, então, autonomia para selecionar informações, fatos e opiniões que vão veicular em cada matéria, mas quem deve emitir as opiniões são as fontes, visto que as citações de opiniões de outras pessoas servem como prova suplementar da veracidade dos fatos, e que ao inseri-las, o jornalista deixa os “fatos falarem” (*ibid*, p. 140).

Enquanto a objetividade, o uso de aspas e muitos outros valores da práxis jornalística são passíveis de críticas e ponderações — colocadas em perspectiva pelo próprio Traquina —, é notável que a aderência aos valores confere legitimidade ao trabalho do jornalista: “O

jornalismo moderno está indiscutivelmente associado a uma noção de equidistância entre o profissional do campo jornalístico e os diversos agentes sociais, atuando com justiça, ouvindo as diversas perspectivas, mantendo sua independência” (Traquina, 2005, p. 142).

Em suma, verificar a presença de aspas de especialistas em cada reportagem serve para indicar se as interpretações de assuntos de guerra, política externa, economia e outros foram honestamente proporcionadas ao leitor, e se as opiniões presentes são dos jornalistas ou das fontes.

O terceiro indicador permite analisar se os jornais informaram ao leitor da principal relação econômica entre Rússia e Brasil, a venda de fertilizantes essenciais à maior indústria do país. De acordo com dados oficiais do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), o agronegócio foi responsável por 24,31% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2020 (Nascimento, 2022, p. 9), e, por isso, imprescindível para a interpretação do que está em jogo para a economia do país. O conflito russo-ucraniano causou uma paralisia temporária na cadeia de produção e exportação de fertilizantes russos, originando assim um efeito dominó em todos os seus compradores e conseqüentemente na produção e distribuição de alimentos (Nascimento, 2022, p. 35), de forma a impactar diretamente o preço dos alimentos e as futuras safras nos países compradores, com o Brasil.

Pontua-se que a Rússia, até 2021, era a maior fornecedora de fertilizantes para o Brasil. Já o Brasil é atualmente o quarto maior importador e consumidor de fertilizantes do mundo, atrás apenas de China, Índia e Estados Unidos da América (EUA), e o maior produtor de diversas commodities que necessitam de fertilizantes para crescer em solo brasileiro, como soja e milho (Nascimento, 2022, p. 13).

Dito isso, os indicadores quantificam aspectos que possibilitam entender a cobertura de cada jornal (primeiro) assim como entender quais as interpretações (segundo) e fatos (terceiro) disponibilizados ao leitor para que forme sua própria opinião, ou não, visto que a análise da frequência revela, ao mesmo tempo, a ausência.

Com os nossos indicadores em mente, voltemos nossos olhos para os capítulos anteriores, que estabeleceram as posições dos veículos e de cada país na cobertura jornalística brasileira.

Logo, entendemos e relembramos que O Globo, a Folha de S. Paulo e o *The New York Times* são veículos de porte nacional no Brasil e Estados Unidos, e assim, pretendem ser lidos por um público bastante heterogêneo, e que a Rússia e EUA são países muito conhecidos pelos leitores pela quantidade de vezes que figuram nas páginas do caderno de Internacional

— e colocados de lados opostos — enquanto a Ucrânia, por pouco figurar nas mesmas páginas, é menos conhecida.

Agora nos atentando ao formato deste capítulo, será feita uma subseção para cada evento, com sinalização em caso de ausência de matéria correspondente em um dos três veículos. O trecho de interesse em cada reportagem será referenciado no texto, o link da reportagem será disponibilizado nas notas de rodapé e referenciada na bibliografia. Frases dos textos ou conclusões nossas que contenham os indicadores vão estar no corpo do texto, com ao menos uma conclusão acerca dos indicadores por reportagem.

No início da conclusão, se encontra a tabela com o resultado dos indicadores de frequência (e, logo também de ausência), imprescindível para a análise e apreciação final da cobertura dos três jornais e da qualidade jornalística das matérias em si.

4.1. Brasil recusa vender armas

Em 2023, um pouco antes do “aniversário” de um ano da guerra, os jornais noticiaram o veto do presidente Lula em vender armas para o Governo Alemão, armas estas que seriam enviadas à Ucrânia. Esta ação diz respeito a um envolvimento direto do Brasil no conflito; entretanto, não foram encontradas reportagens sobre o fato em O Globo. Será feita uma análise das matérias da Folha de S. Paulo e do NYT; esta última, escrita por jornalistas brasileiros que trabalham como correspondentes para o veículo estrangeiro.

Primeiro, é interessante a menção ao mandatário anterior, Jair Bolsonaro: em ambos os textos, é lembrado que ele também negou a venda de armas destinadas a Kiev em 2022. O veículo paulista deixa claro que essa é a “posição histórica do Itamaraty”. A matéria “Lula veta envio de munição do Brasil para tanques na Ucrânia: Para manter neutralidade e não provocar os russos, presidente nega pedido da Alemanha”²⁵ reafirma a informação do subtítulo no texto “Lula disse não, argumentando que não valia a pena provocar os russos” (Gielow, 2023).

Apesar da frase que pode ser interpretada como um suposto “medo” do governo brasileiro diante de outro país, o parágrafo seguinte explica a motivação econômica como norte de suas ações: “O Brasil, apesar de ter condenado na ONU a invasão iniciada em 24 de fevereiro de 2022, mantém uma posição de neutralidade por motivos econômicos, recusando

²⁵ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/lula-veta-envio-de-municao-do-brasil-para-tanques-na-ucrania.shtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.

participar de sanções contra a Rússia do presidente Vladimir Putin”(Gielow, 2023). Por reconhecer um duplo movimento do presidente Lula, ao condenar a guerra mas recusar as sanções, assim como entender o Brasil como capaz de ter interesses próprios no meio internacional e não apenas seguir orientações de terceiros de forma cega, a reportagem pontua no indicador : “Governo Brasileiro é neutro”.

A reportagem não cita entrevistados, apenas uma informação do Ministério da Defesa, o único a responder a tentativa de contato da redação, entre o Exército, a Embaixada da Alemanha e o próprio Itamaraty, segundo a Folha, e por isso não marca no indicador “Presença de aspas de especialistas”.

Dito isso, é preciso prestar atenção na derradeira informação: esta é a única vez que qualquer um dos veículos brasileiros informa ao leitor que os fertilizantes são “vitais para o agronegócio do país e que tem de ser majoritariamente importados”(ibid), com hiperlink para um texto que discute os obstáculos para produção nacional, ou seja, reafirmando a vitalidade da importação. A Folha pontua no indicador “A necessidade de fertilizantes para a economia nacional é explicada para o leitor?”. Na nossa seleção, O Globo não menciona nem explica, em nenhuma ocasião, tal necessidade.

O NYT, na matéria “Um problema para a Ucrânia: Países como Brasil não vendem armas: Ucrânia quer comprar armas do Brasil, mas o gigante sul-americano recusou repetidas vezes. Ao invés disso, quer negociar paz”^{26 27} diz que o “princípio condutor da política externa é, há muito tempo, ser amigo de todos”, mas coloca o Brasil em uma “posição complicada” por querer mediar as conversas de paz enquanto “depende” dos fertilizantes russos (Nicas; Spigariol, 2023).

A “dependência” é explicada com números: o Times informa que a indústria de defesa do país exportou um recorde de R\$1.5 bilhão de reais em 2021, porém, o setor agrícola “é 100 vezes maior, exportando R\$159 bilhões em 2022”(ibid, 2023). Dessa forma, há uma explicação sobre a necessidade de fertilizantes, e o Times pontua no indicador “A necessidade de fertilizantes para a economia nacional é explicada ao leitor?”.

Entre os entrevistados, além das autoridades, estão Sandro Teixeira, professor de estratégia militar na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e Andrés Gannon, pesquisador brasileiro apresentado como pesquisador militar no *Council of Foreign Relations*, *think-tank* americano. O *Times* marca no indicador “Presença de aspas de especialistas”.

²⁶ “A Problem for Ukraine: Countries Like Brazil Won’t Sell It Arms: Ukraine wants to buy weapons from Brazil, but the South American giant has repeatedly declined. Instead, it is offering to broker peace.”

²⁷ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/04/12/world/americas/brazil-ukraine-weapons.html>. Acesso em: 19 mai. 2024.

A última voz, ou vozes do texto, vem de quatro diplomatas europeus seniores, em *off*, que contribuem para a matéria com a afirmação de que países do Ocidente temem que o Brasil esteja se inclinando para o lado da Rússia. Este vem logo após outro parágrafo que menciona documento do Pentágono que detalha o plano do governante brasileiro em montar um clube para negociações de paz formado por países supostamente imparciais.

Por outro lado, as aspas do pesquisador militar brasileiro Andrés Gannon compreendem o país não só como neutro, mas também como desejoso e capaz de desejar os próprios interesses: “O Brasil, há muito tempo, busca uma cadeira permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, disse o Sr. Gannon, então permanecer neutro evita a perda de votos contrários da Rússia ou dos Estados Unidos” (Nicas; Spigariol, 2023)²⁸.

É preciso observar que o *Times* concede espaço tanto a especialistas com opiniões distintas — prática essencial ao bom jornalismo— quanto a um especialista que entende o Brasil como um país capaz de ter aspirações próprias, além de detalhar a dependência de fertilizantes russos para a economia do país, ou seja, outro interesse nacional, o terceiro marcador dessa reportagem é “Posição do Brasil é de neutralidade”.

4.2. Viagem de Lula à China

Em relação a este evento, as reportagens da Folha não mencionam nada relacionado à Guerra da Ucrânia. A viagem que Lula fez à China em abril de 2023 foi um prato cheio tanto de assuntos externos quanto internos, o que justifica a mudança de abordagem na Folha, assim como no *Times*, um veículo dos Estados Unidos, que por sua vez, focou na questão ucraniana, perceptível logo no título. Na matéria do *O Globo*, na editoria de “Mundo”, a beligerância ganhou os últimos parágrafos.

Partindo para a análise, a reportagem do NYT “Lula do Brasil encontra Xi na China enquanto buscam um caminho para a paz na Ucrânia: Brasil se mostra relutante em escolher um lado da guerra já que o novo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, quer reconstruir os laços com Pequim”²⁹, é feita pelo correspondente americano em Pequim Keith Bradsher, do jornal da Grande Maçã, e traz pistas do possível indicador e do tom da matéria já no título. Apesar de longa, a maior parte trata principalmente da política externa chinesa em

²⁸ No original: Brazil has also long sought a permanent seat on the United Nations Security Council, Mr. Gannon said, so staying neutral could avoid splitting Russian and American votes on its membership.

²⁹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/04/14/world/asia/brazil-china-russia-ukraine.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

contraponto aos Estados Unidos, mas ainda assim, encontramos a confirmação da pista carregada no título.

Nosso foco é primeiramente no parágrafo que contém a afirmação de que o Brasil criticou a invasão da Rússia com palavras cuidadosas e repete a tese da dependência em fertilizantes, reiterando, entretanto, que eles são “cruciais para a enorme indústria agrícola do país”. Em seguida, há uma curta, porém, no contexto, ruidosa frase: “O senhor Lula também sugeriu que a Ucrânia e a OTAN compartilham culpa pela guerra” (ibid).

Ao sair deste parágrafo, temos uma visão ampla do contexto: a matéria justapõe trechos em que um especialista estrangeiro (logo, não computado neste trabalho) defende que o “Brasil como um país está cada vez mais alinhado com a narrativa chinesa”, e em seguida, o próprio jornalista explica a narrativa chinesa de não condenar a Rússia e tentar negociar a paz, mas, ao mesmo tempo, manter reuniões com políticos de alto-escalão do governo Russo e culpar a OTAN.

‘O Brasil, como um país, está cada vez mais alinhado com a narrativa chinesa’, disse Moritz Rudolf, especialista em Relações Diplomáticas da China na Faculdade de Direito de Yale. A China não condenou a invasão russa, e o Sr. Xi, que visitou Moscou no mês passado, permanece sendo um aliado próximo do Sr. Putin. Oficiais chineses dizem que Pequim não está ao lado de Moscou na guerra, e que eles não vão enviar armas para a Rússia utilizar na Ucrânia, mas os meios de comunicação social estatais chineses têm repetido as afirmações do Kremlin, culpando a NATO pelo início do conflito. Por enquanto, a China continua a ter reuniões de alto nível com oficiais russos, além da viagem do Sr. Xi a Moscou. O Ministério de Defesa Nacional chinês anunciou, na sexta-feira, que o ministro de Defesa Li Shangfu iria viajar a Moscou no domingo para uma estadia de quatro dias. O Brasil criticou a invasão russa em um comunicado com palavras cuidadosamente escolhidas, mas sua posição é complicada por depender da Rússia para comprar um quarto dos fertilizantes importados, cruciais para a enorme indústria do agro brasileira. O Sr. Lula também sugeriu que o presidente da Ucrânia e a OTAN são culpados pela guerra, e resiste aos apelos para enviar armas para a Ucrânia (Bradsher, 2023, tradução nossa).³⁰

Seguindo o raciocínio, o Brasil tem um discurso pró-China, que por sua vez, é pró-Rússia. Eis o indicador “Governo Lula é pró-Rússia”.

³⁰ No original: “Brazil as a country is more and more in line with the Chinese narrative,” said Moritz Rudolf, a specialist in China’s foreign policy at Yale Law School. China has not condemned Russia’s invasion, and Mr. Xi remains closely aligned with Mr. Putin, visiting Moscow last month. Chinese officials say that Beijing is not on Moscow’s side in the war, and that they will not send weapons for Russia to use in Ukraine, but Chinese state media has parroted Kremlin claims blaming NATO for starting the conflict. China has meanwhile continued high-level meetings with Russian officials, beyond Mr. Xi’s trip to Moscow. Its Ministry of National Defense announced on Friday that the country’s defense minister, Li Shangfu, would travel to Moscow on Sunday for a four-day trip. Brazil has criticized Russia’s invasion in carefully worded statements, but its position is complicated by its reliance on Russia for about a quarter of its fertilizer imports, which are crucial to Brazil’s enormous agriculture industry. Mr. Lula has also suggested that Ukraine’s president and NATO share some blame for the war, and he has resisted calls to send weapons to Ukraine”

Na matéria correspondente de O Globo, "Viagem de Lula a China 'relança' parceria com gigante asiático com até R\$ 50 bi em investimentos. Haddad estimou valor total de investimentos a partir de acordos alinhados durante a visita, que contrasta com distanciamento do governo Jair Bolsonaro"³¹ caracteriza a declaração conjunta liberada para a imprensa dos dois países como “vaga sobre o conflito” (Ninio; Marcelo, 2023).

Vale citar o último parágrafo da reportagem:

A China tem se mostrado disposta a ter um papel mais ativo nas negociações enquanto evita criticar a invasão e mantém sua proximidade com Moscou, no que tem sido chamado de ‘neutralidade pró-Rússia’. O Brasil, que ao contrário da China apoiou a resolução da ONU pedindo a retirada da Rússia dos territórios ocupados, afirma na declaração conjunta que “recebeu positivamente” a proposta de Pequim sobre a guerra, na qual é defendido um cessar-fogo, mas sem qualquer menção a uma retirada russa (*ibid*).

Mesmo que de forma sutil, O Globo caracteriza o governo brasileiro como alinhado ao governo chinês, que por sua vez, está alinhado ao governo russo; é o mesmo argumento utilizado pelo *Times*. O raciocínio de justaposição de narrativas, por assim dizer, fica claro durante toda a reportagem do O Globo, que informa sobre tudo o que foi tratado na viagem, e não apenas a guerra da Ucrânia.

Logo no lide e sublide, o texto relata que o Brasil “pareceu estar em perfeita sintonia com a multipolaridade defendida por Pequim” (*ibid*) e que, apesar de integrantes da comitiva brasileira negarem esse alinhamento,

Na declaração conjunta divulgada ao final da visita, os dois países “reafirmaram o compromisso de promover a democratização das relações internacionais e o multilateralismo”, princípios que aparecem quase diariamente no discurso da China (*ibid*).

Por isso, O Globo marca, junto com o *Times*, no indicador de frequência “Governo Lula é Pró-Rússia”.

³¹ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/04/viagem-de-lula-a-china-relanca-parceria-com-gigante-asiatico-com-ate-us-50-bi-em-investimentos.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

4.3. Reunião do bloco BRICS

Múltiplos olhares foram lançados na direção da reunião do BRICS em 2023, bloco econômico antes composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul e que admitiu novos membros recentemente: Arábia Saudita, Irã, Emirados Árabes, Etiópia e Egito.

A reportagem do NYT, “Clube de nações emergentes BRICS debate admitir outros membros: China quer expandir o bloco de cinco nações, mas o conflito de interesses dos membros pode atrapalhar”³², enfatiza o tema da expansão do bloco e coloca a Guerra da Ucrânia em segunda prioridade, mas não tão de lado, considerando a extensão do texto. Há presença de aspas de especialistas, mas nenhum deles fala especificamente sobre a Guerra na Ucrânia ou sobre o Brasil. Tendo em vista o escopo deste trabalho, as aspas não serão contabilizadas.

No parágrafo: “Membros do BRICS sempre tiveram dificuldades em exibir consenso sobre a guerra da Rússia na Ucrânia: China pende para o lado do Kremlin, enquanto a Índia aposta em uma estratégia de não-alinhamento. O Brasil ofereceu retórica mas pouca ação” (Nicas, 2023), encontramos uma crítica válida e, ao mesmo tempo, uma noção de que os outros países têm sua política clara e definida.

O seguinte parágrafo não é o próximo no texto original, porém, nos oferece maior nitidez sobre a posição brasileira: “O Brasil e a África do Sul, os outros *swing states* no mundo em desenvolvimento, querem ter boas relações com a China e a Rússia, mas não querem se alinhar excessivamente com nenhuma delas, por medo de alienar os Estados Unidos” (ibid). O termo-chave “*swing states*”, cuja primeira palavra significa “balanço” e a segunda se refere aos Estados, é utilizado de forma precisa para transmitir a ideia de que são países posicionados ora de um lado, ora do outro. Logo, é o indicador “Governo Lula é Pró-Rússia”.

“Lula traz Guerra da Ucrânia para o Brics, mas tema é ignorado por demais países: Líderes de China e Índia não abordam assunto; Putin faz defesa enfática de invasão russa”³³, é a reportagem de tema equivalente publicada pela Folha, porém, com foco único na questão bélica.

³² Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/08/21/world/asia/brics-summit-members.html>. Acesso em: 07 jul. 2024.

³³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/lula-aborda-guerra-da-ucrania-no-brics-mas-nao-critica-russia-p-utin-defende-acao-russa.shtml>. Acesso em: 07 jul. 2024

A forma como a Guerra da Ucrânia foi abordada na cúpula reflete de certa forma como os países do bloco tratam o assunto no Conselho de Segurança da ONU. O Brasil é o único que votou a favor de resoluções que condenam a invasão russa —embora sempre tenha criticado o emprego de sanções unilaterais e defendido que o tema não deve bloquear o trabalho de fóruns multilaterais. A Rússia, por óbvio, opõe-se a essas resoluções, enquanto Índia e China se abstêm —a África do Sul não faz parte do conselho. Ainda na campanha à eleição, Lula havia indicado que pretendia engajar o Brics nos debates sobre uma solução para o conflito. Num encontro com os embaixadores de África do Sul, Índia e Rússia em São Paulo antes do primeiro turno, ele questionou por quais razões o bloco não discutia a crise ucraniana (Coletta; Ricardo 2023).

Os parágrafos em questão, e em especial o trecho que afirma que o Brasil é o único país entre os presentes na reunião do Brics a votar a favor de resoluções que condenam a invasão russa, apesar de criticar sanções unilaterais, colocam, mesmo que de forma não tão explícita, o Brasil em uma posição de neutralidade, por defender uma postura de criticar as sanções impostas pelo Ocidente através da Organização das Nações Unidas, mas simultaneamente, votar em resoluções condenatórias, mostrando, portanto, que o governo brasileiro não aderiu integralmente ao discurso russo. Logo, é marcado o indicador de frequência “Governo Lula é neutro”.

4.4. Reunião de Lula e Zelensky durante a Cúpula do G20

Por motivos óbvios, a cobertura deste evento teve destaque apenas no noticiário brasileiro; o Times, como veículo estrangeiro, dedicou um pequeno texto com menos de 2000 caracteres ao encontro do presidente brasileiro Lula e do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky durante a Cúpula do G20 em Nova Iorque, em meio a um feed inteiro com atualizações do evento em tempo real, com informações dos diferentes países presentes na Cúpula.

A primeira frase da breve reportagem, intitulada “Líderes do Brasil e Ucrânia se encontram pessoalmente de forma amigável”³⁴, é sincera ao dizer que o Brasil e a Ucrânia estão em uma relação “estremecida” desde o início da guerra russo-ucraniana. O segundo parágrafo explica o porquê, empregando uma fala do presidente ucraniano sobre a tentativa de criação de um Acordo de Paz pelo Brasil.

³⁴ Disponível em:

<https://www.nytimes.com/live/2023/09/21/world/zelensky-russia-ukraine-news/the-leaders-of-ukraine-and-brazil-strike-a-friendly-note-in-person?smid=url-share>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Enquanto critica a Rússia, o presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva também sugeriu, no passado, que a Ucrânia e seus aliados europeus têm uma parcela de culpa sobre a guerra. O presidente da Ucrânia Volodymyr Zelensky zombou de Lula ao dizer que ele quer ser ‘original’ ao oferecer ajuda para moderar conversas sobre paz (Nicas, 2023)³⁵.

A “mini-reportagem” continua ao dizer que os líderes finalmente se encontraram, e em um tom muito mais amigável. Apesar de frisar o comentário de Lula de que o país atacado e as outras nações europeias têm sua parcela de culpa, comentário esse utilizado pela mídia para desqualificar o Acordo de Paz, o texto traz aspas dos respectivos ministros das relações exteriores de cada país afirmando que a reunião foi produtiva e amigável, e segue traçando um mini-histórico, que apesar de já ter sido veiculado em diversas matérias, a repetição é parte do jornalismo.

O Sr. Lula tem dito há meses que, embora a Rússia mereça ser condenada pela invasão, a Ucrânia e o Ocidente também são instigadores. Ele se recusou a vender armas para a Ucrânia para manter a neutralidade e disse que, em vez disso, quer trazer a Ucrânia e a Rússia para a mesa de negociações. Estas posições têm frustrado a Ucrânia e o Ocidente, e as tensões entre a Ucrânia e o Brasil agravaram-se após a reunião do Grupo dos 7 das principais democracias industriais do mundo, em maio, no Japão, onde Lula e Zelensky não se encontraram, apesar dos planos anteriores, e depois culparam-se mutuamente. Vieira e Kuleba disseram na quarta-feira que as duas nações concordaram em se encontrar novamente quando pudessem e participar de reuniões de coordenação para uma proposta de paz da Ucrânia. Vieira disse que o Brasil também continuará a falar com a Rússia. “O Brasil mantém canais abertos com todos os países”, disse ele, acrescentando: ‘Estamos dispostos e prontos para ouvir todos os lados’ (Nicas, 2023, tradução nossa)³⁶.

Ainda assim, a retrospectiva destaca que o Brasil se recusou a vender armas para manter a neutralidade e levar a Rússia e a Ucrânia à mesa de negociações, de forma a não lançar dúvidas ou colocar em xeque a neutralidade pretendida pelo país, encerrando com aspas do chanceler Mauro Vieira, que tem agenciamento e espaço no jornal, mesmo que em um pequeno texto em meio a um feed repleto de outros pequenos textos, para colocar seu país e governo como um que preza pelo diálogo com todos as outras nações. O pequeno texto do *Times* marca, então, no indicador “Posição do Governo Lula é de neutralidade”.

³⁵ No original: While criticizing Russia, President Luiz Inácio Lula da Silva of Brazil has also suggested in the past that Ukraine and European allies also share some of the blame for the war. And President Volodymyr Zelensky of Ukraine has mocked Mr. Lula as trying to be “original” in his offer to help moderate peace talks.”

³⁶ No original: Mr. Lula for months has said that while Russia deserves to be condemned for the invasion, Ukraine and the West are also instigators. He has refused to sell weapons to Ukraine to maintain neutrality and has said he instead wants to bring Ukraine and Russia to the negotiating table. Those stances have frustrated Ukraine and the West, and the tensions between Ukraine and Brazil got worse after the Group of 7 meeting of the world’s major industrial democracies in May in Japan, where Mr. Lula and Mr. Zelensky failed to meet despite previous plans and then blamed each other. Mr. Vieira and Mr. Kuleba said on Wednesday that the two nations agreed to meet again when they could and participate in coordination meetings for a peace proposal by Ukraine. Mr. Vieira said Brazil would also continue to speak to Russia. “Brazil keeps channels open with all countries,” he said, adding, “We are willing and ready to listen to all sides”

A matéria da Folha de S. Paulo, esta sim a reportagem desta subseção que salta aos olhos, tem o título de “Lula e Zelenski 'quebram o gelo' em reunião sobre paz e reforma do Conselho de Segurança Bilateral entre Brasil e Ucrânia aconteceu em Nova York, às margens da Assembleia-Geral da ONU, após desencontros e alfinetadas”³⁷. O estranhamento ocorre com uma simples palavra: “alegada”. Dado o contexto:

Questionado se Lula vai agora se encontrar com o presidente da Rússia, Vladimir Putin, dada a alegada posição de neutralidade do Brasil no conflito, Vieira disse não ter dúvidas de que os dois líderes se encontrarão se houver essa possibilidade. O próprio chanceler deve se encontrar com seu homólogo russo, o decano diplomata Serguei Lavrov, nesta quinta-feira (21) (Perin; Fernanda, 2023).

Seguindo à risca os padrões jornalísticos, a autora — no caso, Fernanda Perin, correspondente em Washington — não pode afirmar se o país está ou não em posição de neutralidade. Tal análise rompe com a impessoalidade e imparcialidade mister ao fazer jornalístico; uma afirmação como essa deveria vir na voz de um especialista, e não na voz do jornalista, cujo papel é de ser um observador. (Traquina, 2005, p. 146-147)

Ou seja, uma palavra como essa poderia ser empregada apenas por uma fonte. Os próprios leitores, inclusive, que buscam se informar ao ler uma reportagem como essa, tem noção do papel do jornalista como alguém que informa sem dar a sua opinião: “... O leitor avalia que informar requer atributos. A informação deve ser imparcial, objetiva, antecipada, completa, isenta, clara, correta e verdadeira. O leitor difere informação de opinião, afirmando que nas notícias é imprescindível que o jornalista apresente esses valores” (Reginato; Benetti, 2017, p.9). Para eles, é o leitor “quem deve pensar e tirar suas próprias conclusões” (*ibid*).

Contrariando esse princípio, a jornalista mostra que, enquanto os veículos brasileiros não podem cravar a neutralidade do governo, podem, pelo visto, cravar a parcialidade. Com o equívoco, a Folha marca no indicador “Governo Lula é Pró-Rússia”. O emprego e o posicionamento de tal palavra segue inexplicada tanto pelas falas inseridas das figuras de autoridade, entre ministros e presidentes, quanto pelas próprias palavras da autora, responsável pela inserção da palavra.

Uma afirmação como essa surpreende ainda mais por ser feita pela Folha que, em comparação com O Globo, é aquela que tem se mostrando um pouco menos taxativa, explicando aos leitores, mesmo que de forma breve e pulverizada, a necessidade dos

³⁷ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/lula-diz-ter-conversado-com-zelenski-sobre-paz-e-dialogo.shtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

fertilizantes para a produção do agronegócio, principal indústria do país, que em falta, podem acarretar no encarecimento dos preços dos alimentos.

Sem nenhum especialista para elucidar a questão, a reportagem traz aspas do presidente brasileiro, do chanceler Mauro Vieira e do chanceler ucraniano Dmitry Kuleba. As aspas de figuras de autoridade, entretanto, não se encaixam no critério de aspas de especialistas, e por isso, não marcam indicador.

A reportagem do periódico carioca sobre o mesmo evento, traz as mesmas aspas, obtidas em coletivas de imprensa e no perfil das redes sociais de ambos os presidentes, e recebeu o título de “Lula e Zelensky discutem 'construção da paz' no primeiro encontro desde início de guerra na Ucrânia: Segundo chanceler ucraniano, bilateral 'quebrou o gelo' entre os dois países; Lula descreve reunião como 'boa conversa' e Zelensky como 'construtiva' e 'honesta’”. A diferença se dá no penúltimo parágrafo. Após as informações principais, seguindo a risca a estrutura de pirâmide invertida, a reportagem assinada pela própria redação traça um histórico dos desencontros entre os dois mandatários:

Em março, Lula e Zelensky haviam conversado pela primeira vez por videoconferência. Eles também se sentaram frente a frente em uma das reuniões estendidas do G7, em Hiroshima, no Japão, em maio — e ao contrário de outros líderes, Lula não se levantou para cumprimentar o ucraniano no início do encontro. Na ocasião, houve a tentativa de viabilizar uma bilateral que não aconteceu, gerando mal-estar e um conflito de versões entre as chancelarias dos dois países. Após o desencontro, Zelensky chegou a declarar que ‘definitivamente não foi por nossa causa’ que a reunião não aconteceu. Entrevista: 'Seria muito útil para a extrema direita', diz ex-juíza sobre ideia de Lula de retirar Brasil do Tribunal Penal Internacional Lula frequentemente manifestou ceticismo em relação à ajuda militar ocidental à Ucrânia e adotou uma posição mais branda em relação a seu homólogo russo, Vladimir Putin. Neste mês, ele disse que Putin não seria preso se viajasse ao Brasil para a cúpula do G20 no ano que vem, apesar de haver um mandado de prisão contra o líder russo no âmbito do Tribunal Penal Internacional, do qual o Brasil é signatário. Mais tarde, porém, ele recuou dos comentários, dizendo que a decisão sobre a prisão cabia à Justiça brasileira (O Globo, 2023)³⁸.

A afirmação, em meio à retrospectiva, pode ser entendida como recapitulação dos fatos, mas, examinando mais de perto, pode também ser entendida como opinião não respaldada por fontes jornalísticas. O discurso de que o líder do executivo brasileiro é mais brando com seu homólogo russo se relaciona com o discurso de que o Brasil é pró-Rússia e anti-Ucrânia, veiculado na outra reportagem do O Globo, que marca mais um no indicador “Governo Lula é Pró-Rússia”. Além dos marcadores da análise de conteúdo da presente

³⁸ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/09/20/lula-e-zelensky-discutem-construcao-da-paz-no-primeiro-encontro-desde-inicio-de-guerra-na-ucrania.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

monografia, o discurso do tratamento especial dado pelo presidente brasileiro ao presidente russo — especialmente de que este não seria preso pelas autoridades brasileiras segundo aquele — vai muito além de caracterizar a relação de coleguismo entre os dois, exercendo, também, uma justaposição moral entre os dois, fundamentada no estereótipo que coloca os russos como criminosos e traiçoeiros.

5. Considerações finais

Ao examinar a tabela, que sintetiza a análise de conteúdo de forma qualitativa, é possível entender as divergências e convergências da cobertura jornalística sobre as falas do chefe do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Tabela 2: Análise de conteúdo das reportagens da Folha, Globo e NYT

Veículos	Posição do governo Lula é pró-Rússia	Posição do governo Lula é de neutralidade	Presença de aspas de especialistas (Frequência/ Total)	A necessidade de fertilizantes para a economia nacional é explicada ao leitor? (Frequência/ Total)
O Globo	2/2	0/2	0/2	0/2
The New York Times	1/4	Neutro: 2/4	1/4 (venda de armas)	1/4
Folha de S. Paulo	1/3 Neutro: 2/3	Neutro: 2/3	0/3	1/3
Somatório	Pró-Rússia: 4/9	Neutro: 3/9	1/9	2/9

Fonte: Elaboração do autor (2024)

A necessidade de fertilizantes para a economia nacional, aspecto relevante na relação econômica entre Rússia e Brasil, imprescindível para entender o que está em jogo para o Brasil e que foi impactado pela Guerra da Ucrânia, é informada ao leitor uma vez pela Folha de S. Paulo e uma vez pelo *The New York Times*, sendo esta uma convergência clara entre os dois. Apesar de a Folha trazer essa informação apenas uma vez, é louvável que o faça em uma

das três reportagens; mesmo que não reitere a mensagem, ela está presente, possibilitando que o leitor faça sua própria interpretação da conduta do governo e dos interesses brasileiros.

Por outro lado, surpreende que um fator tão significativo para a principal indústria do país, o agronegócio, não conste nenhuma vez nas reportagens do O Globo — veículo brasileiro —, que cobriram as falas do Presidente Lula sobre a guerra e sua proposta de paz, e é ainda mais surpreendente que um veículo estrangeiro, o *Times*, informe esse aspecto ao leitor, enquanto o periódico carioca não o faz.

Quanto à presença de aspas de especialistas, a frequência é extremamente menor, quase nula. A reportagem do *Times* sobre a recusa do governo brasileiro de vender armas para abastecer a Ucrânia é a única, dentre oito, que traz fontes capazes de explicar os fatos, tornando o veículo estrangeiro o único que traz especialistas para a cobertura.

É válido notar que a Folha e o O Globo trouxeram aspas de figuras de autoridade brasileiras, russas, ucranianas e chinesas, extremamente pertinentes aos fatos de cada reportagem, porém, mesmo que alguns dos textos possam, eventualmente, prescindir de especialistas, a ausência completa desse tipo de fonte empobrece a cobertura e afeta o entendimento do leitor, tornando a cobertura dos periódicos brasileiros extremamente miope e pobre.

Os jornais brasileiros poderiam, por exemplo, entrevistar, em uma mesma reportagem, especialistas de opiniões distintas sobre a neutralidade do Brasil no conflito, sobre a dependência dos fertilizantes russos, o peso na economia nacional e nas decisões diplomáticas brasileiras e até mesmo sobre a importância do país como mediador de um conflito desse porte. Dessa forma, o leitor se aproximaria da realidade brasileira, entendendo melhor essa guerra sobre uma ótica nacional, informado pelo bom jornalismo. Mas isso não aconteceu.

Quanto ao posicionamento do governo brasileiro em um dos “lados” da guerra, o discurso do O Globo e o *The New York Times* convergem em quase todas as reportagens ao afirmar que o governo é pró-Rússia. Os dois jornais, inclusive, trazem os mesmos argumentos que compõem o mesmo raciocínio e chegam ao mesmo resultado na reportagem sobre a viagem do presidente Lula à China: o mandatário é aliado da China, que por sua vez é aliada da Rússia, logo, o Brasil é aliado da Rússia. Dessa forma, é ainda mais grave a ausência de especialistas para explicar o que significam os acordos e tratados assinados na viagem ou as falas proferidas tanto por Lula quanto por Xi Jinping, ou até mesmo validar o discurso de ambos os periódicos.

É válido, para o veículo nova-iorquino, perceber e retratar o Brasil, assim como a África do Sul, como atores minoritários em meio a uma guerra envolvendo potências e em um

outro continente. O termo “*swing state*”, empregado na reportagem sobre a reunião do Brics para descrever o governo brasileiro e sul-africano, possibilita até mesmo um grau de liberdade, de autonomia e de vontade própria para ambos os países que “querem ter boas relações com a China e a Rússia, mas não querem se alinhar excessivamente com nenhuma delas, por medo de alienar os Estados Unidos”.

É interessante notar, ainda sobre o *Times*, que as três reportagens que receberam o indicador “Posição do governo Lula é de neutralidade” foram feitas pelo mesmo jornalista, Jack Nickas, correspondente chefe do escritório brasileiro do NYT, que também cobre outros países da América do Sul e que mora no Rio de Janeiro desde 2021. Já a reportagem que recebeu o indicador “Posição do Governo Lula é Pró-Rússia” é de autoria de Keith Bradsher, chefe do escritório chinês do NYT.

Pode-se entender, talvez, que a diferença de julgamento de cada reportagem recebeu a respectiva influência de ambos os jornalistas, considerando que um possui maior experiência cobrindo o Brasil e o outro, a China. Deve-se lembrar que a influência do profissional no texto, enquanto impossível de ser nula, deve ser minimizada, para que não se transforme em texto de opinião, mantendo a imparcialidade como uma forma de legitimidade (Traquina, 2005, p. 142). Esse processo é muito diferente, por exemplo, de quando o próprio jornalista emprega uma palavra que não poderia ser utilizada por ele e que demandaria de especialistas para explicar, como é o caso da reportagem da jornalista Fernanda Perin para a Folha de S. Paulo.

Já a voz do O Globo, aquele que mais converge com o *Times*, coloca o Brasil totalmente alinhado à Rússia, sem conceder explicações sobre os fertilizantes, por exemplo, ou quaisquer outros interesses nacionais, incapaz de ter vontade própria no cenário internacional e retratando o presidente brasileiro, especialmente na reportagem sobre o encontro dele com Zelensky, como alguém que concede tratamento especial ao presidente russo Vladimir Putin, considerado culpado pela guerra.

É notável, também, o julgamento moral do periódico carioca sobre o governante brasileiro — e, por conseguinte, a ala que ele representa — ao aproximá-lo não só institucionalmente, mas também pessoalmente do líder de um país cujo estereótipo predominante o retrata como criminoso, traiçoeiro e até mesmo diabólico.

É preocupante que logo o periódico brasileiro, aquele que possui maior proximidade geográfica para analisar o governo, apresente uma visão unicamente negativa da atuação do Executivo, sem conceder diferentes informações ao leitor e sem a presença de especialistas que possam interpretar a Invasão da Ucrânia do ponto de vista do Brasil, e finalmente,

ecoando as opiniões de que o próprio país não é neutro e nem mesmo importante o suficiente para ajudar a costurar um Acordo de Paz.

Em contrapartida, duas reportagens da Folha enxergam neutralidade nas ações do governo brasileiro e nas falas do presidente, dando mais espaço ao executivo para se posicionar com um relativo grau de liberdade entre os “dois lados” do conflito, tendo próprios interesses do governo e do país em mente, de acordo com a soberania nacional, e, dessa forma, divergindo do discurso estrangeiro representado pelo *Times* e, surpreendentemente, divergindo inteiramente do discurso do jornal compatriota *O Globo*.

Críticas podem ser feitas ao porquê de nenhum dos veículos, e em especial, os brasileiros, terem dado espaço, na forma de entrevista, para que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva explique a estratégia do Clube de Paz que visava um Acordo de Paz ou detalhe seu funcionamento, possíveis membros e outras especificidades. Uma pesquisa extensa foi feita, e uma entrevista como essa não foi encontrada não só nas reportagens selecionadas desta monografia, mas em toda e qualquer reportagem. Fica, então, um vazio na cobertura, incompleta, o que prejudica o leitor, que entende que uma das finalidades do jornalismo é “investigar” (Reginato, Benetti, 2017), e que percebe que quando as finalidades do jornalismo não são cumpridas, o resultado é o mau jornalismo.

É preciso lembrar, também, que ao posicionar o Brasil como não neutro na Guerra Russo-Ucraniana, a mídia automaticamente invalida a proposta de paz do Presidente Lula, que pressupõe a neutralidade como condição para encabeçar o esforço de paz. Sem, ao menos, detalhes sobre o Acordo de Paz e o Clube de Paz, os representantes da mídia brasileira assumem o papel mesquinho de não dar visibilidade a uma proposta nacional de encerrar uma guerra que vitima militares e civis.

A Folha entrevistou o presidente Volodymyr Zelensky graças ao envio da jornalista Patrícia Campos Mello em um pool de jornalistas latino-americanos. As perguntas da profissional brasileira e as respostas do chefe do executivo ucraniano poderiam gerar um gancho para uma entrevista com seu homólogo brasileiro, mas não foi o que aconteceu.

Seria interessante dar espaço para o presidente brasileiro responder o porquê de não apoiar a criação do tribunal internacional especial para julgar os crimes ocorridos na Guerra da Ucrânia, proposto por Zelensky e citado na entrevista, assim como explicar, de forma detalhada, quais seriam os termos do Acordo de Paz — idéia divulgada pela mídia brasileira sem aprofundamento e investigação — e como este acordo poderia dialogar com a instalação de um novo tribunal internacional. Além disso, também seria interessante perguntar ao

presidente Lula se a equipe do governo teve ciência de algum pedido de Zelensky para dialogar no Congresso, como o fez no Chile e México, e o que o brasileiro acha disso.

A conclusão deste trabalho não acompanha o fim da guerra, que se estende há mais de dois anos e meio. Há muito o que ser analisado, no passado e presente da guerra, até o seu possível — e desejado — fim, tanto em relação às posições, ações e manifestações do governo brasileiro quanto em relação aos mesmos atos dos países beligerantes.

Para buscar mais respostas e estabelecer novas dúvidas — mister ao trabalho do pesquisador — que possam complementar as informações presentes nesta monografia e sobre a guerra no geral, são necessárias pesquisas sobre o porquê do presidente Lula se pronunciar cada vez menos depois de 2023, uma análise mais profunda de como a guerra tem sido tratada pelos países do bloco Brics e, finalmente, uma pesquisa de qual a posição que a Ucrânia, país pouco conhecido antes da Invasão, ocupa no imaginário brasileiro depois do fim do conflito.

6. Referências bibliográficas

- AFP, Folha e Reuters. **NOVO presidente ucraniano dissolve Parlamento e antecipa eleições**. Folha de S. Paulo, 20 mai. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/novo-presidente-ucraniano-dissolve-parlamento-e-antecipa-eleicoes.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.
- AMARAL JÚNIOR, Alberto do. **As consequências da interferência russa nas eleições dos EUA [Entrevista a Sandra Capomaccio]: a Rússia se beneficiou da ausência de poder norte-americano. Um olhar sobre o mundo**. São Paulo: Rádio USP (93,7 MHz). Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2019/05/UM-OLHAR-SOBRE-O-MUNDO-04-06-19.mp3>. Acesso em: 07 jun. 2024.
- ASSIS, Edjane Gomes de; CABRAL, Edson dos Santos Santana; TRAJANO, Niery Pereira; FERREIRA, Savina Maria Paulo. **"Este não é um lugar como o Iraque ou Afeganistão. É uma cidade relativamente civilizada"**: o discurso seletivo da mídia (inter)nacional na cobertura da guerra entre Rússia e Ucrânia. [S. l.]: Pedro & João Editores, 2024. 58 p. ISBN 978-65-265-1234-0. *E-book* (58 p.).
- AZEREDO, Marina Passos de. **Jornalismo na era da globalização: um estudo do noticiário internacional na Folha de S. Paulo e no Corriere della Sera**. Orientador: Virginia Pradelino da Silveira Fonseca. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/16253>. Acesso em: 12 maio 2024.
- Berlinck, Deborah. **Com 97% da Crimeia a favor da união com a Rússia, EUA e Europa estudam punição ao Kremlin**. O Globo, 16 mar. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/com-97-da-crimea-favor-da-uniao-com-russia-eua-europa-estudam-punicao-ao-kremlin-11894716>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- Bradsher, Keith. **Brazil's Lula Meets Xi in China as They Seek Path to Peace in Ukraine: Brazil has been reluctant about choosing sides in the war, as its new president, Luiz Inácio Lula da Silva, seeks to rebuild the country's ties with Beijing**. The New York Times, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/04/14/world/asia/brazil-china-russia-ukraine.html>. Acesso em: 15 set. 2024.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, (2016).
- CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. **Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa**. In: Cadernos da Fucamp, UNICAMP, v.20, n.43, p.98-111, Monte Carmelo, MG, 2021.
- Coletta, Ricardo. **Lula traz Guerra da Ucrânia para o Brics, mas tema é ignorado por demais países: Líderes de China e Índia não abordam assunto; Putin faz defesa enfática de invasão russa**. Folha de S. Paulo, 23 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/lula-aborda-guerra-da-ucrania-no-brics-mas-nao-critic>

[a-russia-putin-defende-acao-russa.shtml](#). Acesso em: 07 jul. 2024.

DE ALMEIDA, Paulo Roberto. "A construção do direito internacional do Brasil a partir dos pareceres dos consultores jurídicos do Itamaraty: do Império à República." *Cadernos de Política Exterior* (2016): 241-298.

DIAS, A. B. (2019). **Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia—Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014.** *Opinião Pública*, 25, 472-494.

DIBO, Thales Leal. **Jornalismo imersivo: a reportagem The Displaced do The New York Times.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LEMES, L. F. R. **Entre a Segurança Nacional e a Soberania: uma análise dos estereótipos de EUA e Rússia sobre a questão síria.** *Revista Panorama - Revista de Comunicação Social*, Goiânia, Brasil, v. 7, n. 1, p. 21–24, 2017. DOI: 10.18224/pan.v7i1.5603. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5603>. Acesso em: 24 set. 2024.

FERNANDES, Marina Michelis de Lima; TAVARES, Camilla Quesada. **Jornalismo internacional no Brasil: um estudo comparativo entre a cobertura noticiosa da editoria mundo dos portais Folha de S. Paulo e O Globo.** In: *Revista Fronteiras - estudos midiáticos*, vol. 21, n. 3, p. 114-129, Set.-Dez., 2019.

Folha, agências de notícias. **RUSSOS tomam terminal de balsas na Crimeia; aviões invadem espaço aéreo ucraniano.** Folha, 03 mar. 2024. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1420420-governo-russo-acusa-governo-da-ucrania-de-atacar-minorias.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2024.

Folha. **ENTENDA por que Ucrânia e Rússia brigam pelo controle da Crimeia: O território da Crimeia está no centro da atual disputa entre a Ucrânia e a Rússia que ameaça a segurança mundial.** Folha, 07 mar. 2014. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1422015-entenda-porque-ucrania-e-russia-brigam-pelo-controle-da-crimea.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2024

FRANCO, João Vitor Pires Franco. **De Leste a Oeste: Representações da Rússia no audiovisual dos Estados Unidos (1939-2022).** 2024. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024

FRANCO, M. L. P. B. (2008). **Análise de conteúdo** (Vol. 6). Brasília: Liber Livro.

FREIRE, Maria Raquel. **A Revolução Laranja na Ucrânia, uma Democracia a Consolidar.** *RELAÇÕES INTERNACIONAIS*, n. 12, p. 049-064, 2006. Disponível em: https://ipri.pt/images/publicações/revista_ri/pdf/RI12_03MRFreire.pdf.

Gielow, Igor. **Lula veta envio de munição do Brasil para tanques na Ucrânia: Para manter neutralidade e não provocar os russos, presidente nega pedido da Alemanha.** Folha de S. Paulo, 27 jan. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/lula-veta-envio-de-municao-do-brasil-para-tanques-na-ucrania.shtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.

GOMES, Gustavo Rocha. **Noticiário Internacional no Jornal O Globo**. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1. sem. 2002. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

NAGOURNEY, Adam. **The Times: How the Newspaper of Record Survived Scandal, Scorn, and the Transformation of Journalism**. Crown, 2023. Acesso em 14 de abril de 2024.

NASCIMENTO, Clarissa Dias. **Os impactos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia no mercado de fertilizantes brasileiro**. 2022. 55 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

Nicas, Jack. **The leaders of Ukraine and Brazil strike a friendly note in person**. The New York Times, 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2023/09/21/world/zelensky-russia-ukraine-news/the-leaders-of-ukraine-and-brazil-strike-a-friendly-note-in-person?smid=url-share>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Nicas, Jack, et al. **The BRICS Club of Emerging Nations Debates Letting Others In. China wants to expand the five-nation bloc, but the members' conflicting interests may get in the way**. The New York Times, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/08/21/world/asia/brics-summit-members.html>. Acesso em: 07 jul. 2024.

Nicas, Jack, Spigariol, André. **A Problem for Ukraine: Countries Like Brazil Won't Sell It Arms. Ukraine wants to buy weapons from Brazil, but the South American giant has repeatedly declined. Instead, it is offering to broker peace**. The New York Times, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/04/12/world/americas/brazil-ukraine-weapons.html>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Ninio, Marcelo. **Viagem de Lula a China 'relança' parceria com gigante asiático com até R\$ 50 bi em investimentos: Haddad estimou valor total de investimentos a partir de acordos alinhavados durante a visita, que contrastou com distanciamento do governo Jair Bolsonaro**. O Globo, 14 abr. 2023.

O Globo, agências internacionais. **PRESIDENTE 'outsider' da Ucrânia dissolve Parlamento em busca de apoio para governar: Ao tomar posse, comediante diz que cessar-fogo com separatistas é prioridade**. O Globo, 20/05/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/presidente-outsider-da-ucrania-dissolve-parlamento-em-busca-de-apoio-para-governar-23678560>. Acesso em: 12 mai. 2024.

O Globo. **Lula e Zelensky discutem 'construção da paz' no primeiro encontro desde início de guerra na Ucrânia: Segundo chanceler ucraniano, bilateral 'quebrou o gelo' entre os dois países; Lula descreve reunião como 'boa conversa' e Zelensky como 'construtiva' e 'honesta'**. O Globo, 20 set. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/09/20/lula-e-zelensky-discutem-construcao-da-paz-no-primeiro-encontro-desde-inicio-de-guerra-na-ucrania.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

OLIVEIRA, H. M. G. 2014. **A atuação das agências de notícias nacionais: Estado, Folhapress e O Globo - como distribuidoras de conteúdos no interior dos conglomerados de mídia brasileiros**. Famecos, 21(2): 518-540.

Perrin, Fernanda. **Lula e Zelenski 'quebram o gelo' em reunião sobre paz e reforma do Conselho de Segurança: Bilateral entre Brasil e Ucrânia aconteceu em Nova York, às margens da Assembleia-Geral da ONU, após desencontros e alfinetadas.** Folha de S. Paulo, 20 set. 2023.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/lula-diz-ter-conversado-com-zelenski-sobre-paz-e-dialogo.shtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

PENGUE, Maria. **25 Insightful New York Times Readership Statistics** [The 2023 Edition]. Letter.ly.

Disponível em: <https://letter.ly/new-york-times-readership-statistics/>. Acesso em: 09 out. 2024.

REGINATO, Gisele; BENETTI, Marcia. **As finalidades do jornalismo segundo os leitores.** In: Pesquisa e perspectivas de Comunicação e Informação. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 127-151.

SCHMITZ, A. (2011). **Classificação das fontes de notícias.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação.

WATSON, Zillah. **VR for news: The new reality?** Digital News Project 2017. Reuters Institute for the Study of Journalism: University of Oxford, 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.